

# Conservas de Peixe

REVISTA MENSAL



ANO V  
1960

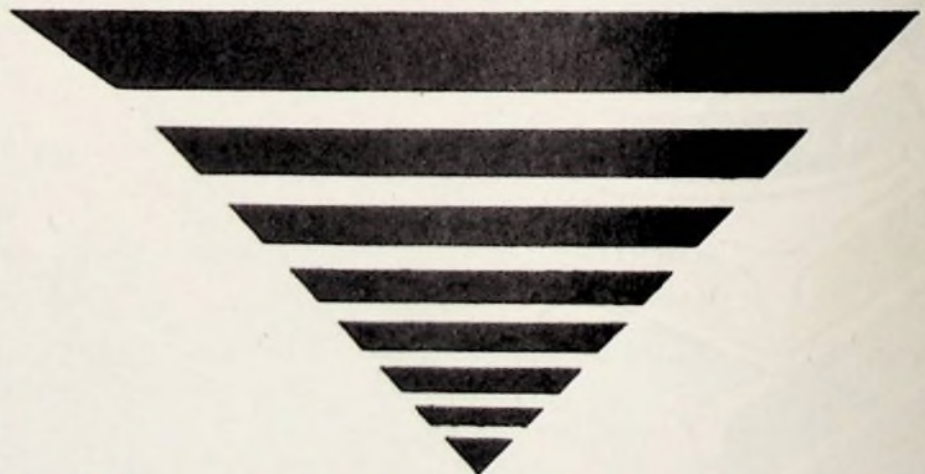
N.º 51  
JUNHO

# algarve exportador l.<sup>da</sup>

SIÉGE À LISBONNE

FABRICANTES DA MARCA

## NICE



CONSERVAS DE PEIXE • ARMADORES DE PESCA

LISBOA • SETUBAL • LAGOS • PENICHE • NAZARE MATOSINHOS

Das melhores marcas do  
Mundo de folha de flandres

★

SUB-AGENTES NO NORTE  
BURNAY COMERCIAL, LDA.  
Rua Aviz, 10            PORTO



Distribuidores Gerais:

**Mendes & Anjos, L.<sup>da</sup>**

O L H Ã O

★

Agência de Lisboa:  
Rua Augusto Rosa, 66  
Telefone 2 9966



INSPECÇÃO DA FOLHA DE FLANDRES



# VICTOR M. CALDERÓN Co.

ENDEREÇO TELEGRÁFICO  
DELABARCA

FUNDADA EM  
1923

CASA CENTRAL  
99, HUDSON STREET  
NEW YORK 13, N. Y.

SUCURSAIS

CHICAGO, ILL.

SAN FRANCISCO, CAL.

Fábrica: - SETÚBAL  
Telefones: - 164 e 327  
Telegramas: - SELISMA

LISBOA  
R. JARDIM DO REGEDOR, 37-3.º  
Telefones: { 3 1824  
              { 3 3037  
Telegramas: - SELISMA  
Caixa Postal 712 (Central)

Fábrica: - MATOSINHOS  
Telefone: - 623  
Telegramas: - SELISMA

## *Conservas Unitas, Limitada*

FABRICANTES-EXPORTADORES

CÓDIGOS:

A. B. C. 5th. & 6th. Ed.  
BENTLEY'S  
MASCOTTE 2.ª Ed.  
NATIONAL FRANÇAIS  
RUDOLF MOSSE E SUPL.  
PRIVÉS

Sede: — LISBOA

Marcas Registradas:

CHAMEAU	MADALENA
BERRY	NICOLA
IRIS	MONICA
SILLEDO	UNITAS
SAMBA	

TELEPHONES  
MANSION HOUSE 2205-6-7  
TELEGRAMS  
AFFABLE LONDON

**H & T. Walker Ltd**  
FUNDADA EM 1876

37, EASTCHEAP  
LONDON, E. C. 3

**IMPORTAÇÃO:**

Conservas de sardinhas e outros peixes  
Conservas de frutos e legumes  
Frutos secos e todos os diferentes produtos alimentícios

**EXPORTAÇÃO:**

Todas as espécies de produtos Britânicos  
Matérias primas e máquinas para fábricas

**RICHARD D. DUDLEY & CO. LIMITED**

**IMPORTADORES E AGENTES**

TELEFONE:  
MANSION HOUSE 6221-2

41, EASTCHEAP  
LONDON, E. C. 3.

TELEGRAMAS:  
GOODWILL, LONDON

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES DIRECTOS AOS ARMAZENISTAS  
EM TODA A INGLATERRA

**ESPECIALIDADES**

**CONSERVAS DE SARDINHA E OUTROS PEIXES**

•  
CONSERVAS DE FRUTOS E LEGUMES

•  
AZEITE DE OLIVEIRA

•  
FRUTOS SECOS — ALFARROBA — PIMENTÃO

•  
VINHO DO PORTO — BRANDY

ESTABELECIDADA EM 1882

**Strohmeyer & Arpe Company**

**I M P O R T A D O R E S**  
Distribuindo através de todos os  
**ESTADOS UNIDOS**

139-141 FRANKLIN STREET  
NEW-YORK, N. Y.  
Endereço telegráfico: «RYRABATE»

**Adolf Dircks & Co.**

A casa mais antiga e especializada na ALEMANHA



**Em Conservas de Peixe Portuguesas**

**Estabelecida em 1888**



Endereço: HAMBURGO 11, Neuer Wandrahm 1

Endereço telegráfico: ALHAMBRA, Hamburgo

**ACIL**

**Agência Comercial e Industrial, Lda.**

IMPORT. — EXPORT.  
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

PRAÇA DA RIBEIRA NOVA, 6-2.º

**LISBOA - PORTUGAL**

TELEF. 27677 — TELEG. ACILDA

Importadores e Distribuidores de Matérias Primas para a Indústria de Conservas Óleo de Mendobi e Azeite de Oliveira, Folha de Flandres, Inglesa e Americana Arames, Arcos para Caixas, etc.

**ARMAZÉNS EM:**

**MATOSINHOS-SETÚBAL  
PORTIMÃO-OLHÃO**

# BREWSTER - NORPORT CORPORATION

99, HUDSON STREET, NEW-YORK, N. Y.

Endereço Telegráfico  
PORTNORCOM  
DOGHORSE

A NOSSA ORGANIZAÇÃO DE VEN-  
DAS COBRE TODOS OS  
ESTADOS UNIDOS

Importadores de conservas de peixe

de Portugal e Colónias

Exportadores de folhas de Flandres

Maquinaria, produtos químicos, etc.

# Schroeder Bros Inc.

AGENTES DE FABRICANTES — DISTRIBUIDORES

Sardinhas — Atum — Filetes de Anchovas



Azeite de Oliveira — Frutos Secos — Especialidades

AGENTES EXCLUSIVOS NOS ESTADOS UNIDOS  
DAS PRINCIPAIS CASAS EUROPEIAS DESDE 1913

10 Beach Street

End. teleg.: «Fradco»

NEW-YORK, N. Y.

## VICTOR CORY COMPANY

Fundada em 1932  
 ENDEREÇO TELEGRÁFICO: «CORYFOODS»

●  
 AGENTES DE IMPORTAÇÃO  
 ●

ESPECIALIZADA EM:  
 CONSERVAS DE PEIXE  
 Sardinhas, Filetes de Anchovas  
 AZEITE DE OLIVEIRA

TAMBÉM:  
 Exportadores de Folha de Flandres

100 HUDSON STREET  
 NEW YORK 13, N. Y.

## BIEN TRADING COMPANY, INC.

105 HUDSON STREET  
 End. Telegráfico: BIECODAR  
 NEW YORK, N. Y.

Importadores e distribuidores em todos os Estados  
 Unidos dos mais finos produtos alimentares

ANCHOVAS — ATUM — SARDINHAS  
 — GÉNEROS ALIMENTÍCIOS

## Harder & de Voss

*desde 1882*

«A CASA MAIS ACTIVA»

*Importação de Conservas de Peixe*

===== SARDINHAS  
 ===== ANCHOVAS  
 =====

ALEMANHA  
 Hamburgo—Alsterior 14/16  
 End.-Teleg.: HOMEROS

Marcas: Prado, Faina, Farnel e Merenda

## Conservas Prado, L.<sup>da</sup>

FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

Rua de Brito Capelo, 1165  
 Telefone, 327-M Telegramas: "PRADO" Apartado 27  
 MATOSINHOS

ANO V

N.º 51



# Conservas de Peixe

JUNHO

1950

REVISTA MENSAL

Director: JOSÉ ANTONIO FERREIRA BARBOSA

Editor e Proprietário: J. AGOSTINHO FERNANDES

Composição e impressão: SOCIEDADE ASTÓRIA, LDA.—Regueirão dos Anjos, 68—LISBOA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Av. Marquês de Tomar, 14-3.º-Tel. 53138-LISBOA

## Sumário

*Contrato Colectivo com a Inglaterra; Produção e Exportação; Production and Exportation; Mercados (Suíça); Comité Internacional Permanente da Conserva; Rememorando; A fuga das sardinhas; Indústrias de peixe em salmoura — Grécia, País produtor; O mundo da pesca e da conserva; O Relatório do Grémio de Setúbal; Pedidos de Representação; Matérias primas; Pesca da sardinha.*

# Contrato Colectivo com a Inglaterra

**A** PÓS as habituais e mais ou menos difíceis negociações, foi finalmente assinado em 1 deste mês de Junho o contrato colectivo inglês para o fornecimento de 500.000 caixas de conservas de sardinha.

É justo destacar, a par da actuação delicada da Direcção do I. P. C. P., a intervenção decisiva do sr. Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria para que as negociações tivessem chegado a bom termo.

Não se obtiveram, talvez, aqueles preços ideais que a indústria desejava e pelos quais, certamente, os nossos negociadores se esforçaram. Mas temos que reconhecer que, infelizmente, já não gozamos a situação privilegiada que tínhamos no mundo produtor de conservas de peixe. A Inglaterra deixou de depender de Portugal para o seu abastecimento de conservas de sardinha. Tem hoje no Marrocos Francês um fornecedor inesgotá-

vel e alarga já as suas compras destas conservas à Jugoslávia e ao Japão, obtendo destes concorrentes preços que, se quisermos vender-lhe, somos obrigados a acompanhar.

Não restam, porém, dúvidas que a realização do contrato colectivo de fabricação com a Inglaterra pelo volume de mercadoria que envolve facilita, em muito, o problema cada vez mais grave do escoamento da produção da nossa indústria que não ignora as duras validades que a cercam.

A Inglaterra é hoje o principal mercado para as nossas conservas de sardinha e a sua perda representaria um grave e irreparável revés para a nossa exportação. A sua substituição por outros mercados, já não é possível. O cerco das restrições e das proibições à importação das conservas portuguesas e o desaparecimento de antigos mercados que se tornaram produtores

e auto-abastecedores, manietam, cada vez mais, a liberdade de movimentos da indústria.

Veja-se o que neste mesmo número desta revista nos revela o delegado das salgas que foi à Grécia. Este país, com o auxílio do Plano Marshall, montou as suas indústrias de pesca e conservas de salmoura, tornando-se independente da importação estrangeira, e sabemos que já adquiriu máquinas para a montagem de fábricas de conservas em mólhos. Também a Bélgica, o nosso segundo comprador, se organiza para fabricar conservas com a sardinha pescada em Marrocos e transportada em barcos frigoríficos para as suas fábricas de Ostende. Defendida com a margem de 20% de direitos «ad valorem» sobre as conservas de sardinha importadas, não será difícil à indústria belga bater no seu mercado as indústrias congéneres estrangeiras.

Não admira, pois, que a indústria marroquina que sofre, como a nossa, a crise de mercados, se empenhasse na realização de um contrato substancial com a Inglaterra, enviando a este país os seus delegados coadjuvados pelos representantes do Office Chériisien d'Exportation, e se dispusesse a todos os sacrifícios para o conseguir.

Com este contrato tinham os industriais marroquinos em mira não só obter um vasto escoadouro para a sua produção, que este ano se espera que atinja 2.500.000 caixas, mas, também, conseguir, juntamente com a conquista do mercado inglês, a abertura automática dos outros mercados europeus importantes que se lhes mostravam ainda renitentes, receosos da qualidade dos seus produtos, tais como a Alemanha, a Bélgica, a Holanda e a Suíça.

A primeira etapa deste plano foi já vencida com a assinatura de um contrato de 1 milhão de caixas; a segunda, a da conquista dos outros mercados europeus, está em progresso.

Seria, portanto, um verdadeiro desastre para o futuro da nossa exportação para a Grã-Bretanha, se as conservas de sardinha portuguesa desaparecessem deste mercado, embora transitóriamente, e o consumidor inglês se habituasse a ter só à sua disposição as sardinhas marroquinas.

A presença das nossas marcas nas montras das lojas inglesas, será uma afirmação da vitalidade da nossa indústria e, ao mesmo tempo, uma sugestão constante ao paladar dos seus apreciadores que a preferem pela qualidade incomparável da sua matéria prima que uma mão de obra excepcionalmente habilitada, valoriza.

A realização, porém, do contrato que firmámos com a Inglaterra só por si não basta. É necessário agora facultar à indústria os meios para o executar com lucro, como é lógico, ou, pelo menos, sem prejuízo. Para isso haverá que estabelecer medidas que permitam aos industriais adquirir a sardinha nas lotas na maior quantidade possível e a preços compatíveis com o da conserva contratada. A fixação em todos os Centros conserveiros de uma percentagem, não inferior a 30%, do total da sardinha pescada, com destino exclusivamente à indústria e de um preço máximo e mínimo para a sua compra na lota, está naturalmente indicado.

Estas medidas, como é óbvio, terão que ser impostas pelo Governo.

É a altura, realmente, de se decidir se convém ou não ao País manter uma indústria de conservas de exportação.

Decidindo-se, como julgamos, pela afirmativa, visto a sua inviabilidade como indústria de abastecimento nacional, só nos resta aguardar com confiança que lhe sejam rapidamente proporcionados os meios para subsistir e continuar a ser um valor eficaz na nossa economia.



## Mariolin de Sporting

**LOYAUTE  
MATHILDE  
LE VANT  
Regil  
CROIX  
D'OR  
Somar**

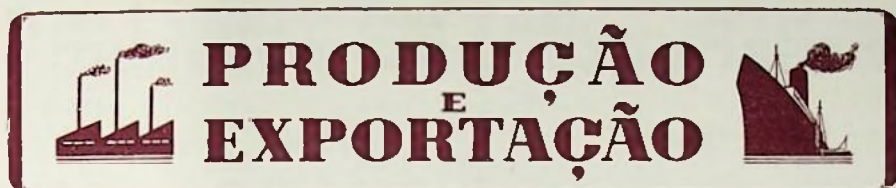
are some of the well known brands of  
sont quelques unes des marques bien connues de

MARQUES NEVES & C.A. L.DA

packers of all kinds of preserved fish  
fabricants de toutes sortes de conserves de  
poisson

**SETÚBAL**  
Telegraphic adress  
Adresse télégraphique  
**MARNE**

**MATOZINHOS**  
Telegraphic adress  
Adresse télégraphique  
**SOMAR**



Situação no mês de Abril

EXPORTAÇÃO

**PRODUÇÃO**

**Por Centros**

**Azeites ou Mólhos**

A produção de conservas de peixe, em mólhos, no mês de Abril, foi de 233.303 caixas, assim distribuídas: atum e similares, 8.368 caixas; filetes de anchova, 211.747 caixas e outras espécies, 13.188 caixas.

Olhão foi o primeiro Centro produtor, com 77.498 caixas (32,2%), seguido de Setúbal com 49.535 caixas (21,2%) e de Portimão, com 46.714 caixas (20%).

Em relação às espécies, Setúbal foi o maior produtor de atum e similares (8.197 caixas) e de outras espécies (10.102 caixas) e Olhão de filetes de anchova (77.498 caixas).

A produção destas conservas em Abril foi superior à do mês anterior em 200.081 caixas e à do mês de Abril de 1949 em 215.419 caixas.

**Salmoura**

A produção de conserva em salmoura no mês de Abril foi de 400.322 quilos nas seguintes espécies: sardinha, 14.042 quilos e biqueirão 386.280 quilos.

Os Centros produtores destas conservas, foram: Lisboa, 7.610 quilos de sardinha; Setúbal, 780 quilos de biqueirão; Lagos, 30.000 quilos de biqueirão; Portimão, 26.738 quilos de biqueirão; Olhão, 6.336 quilos de sardinha e 237.021 de biqueirão e V. R. de Santo António, 96 quilos de sardinha e 91.741 quilos de biqueirão. A produção de salmouras em Abril foi superior à de Março em 396.016 quilos e à de Abril do ano passado em 353.352 quilos.

**Azeites ou Mólhos**

A exportação de conservas em azeite ou mólhos, durante o mês de Abril, foi de 1.312.815 quilos (83.350 caixas) no valor de 26.840.516\$50, assim distribuídas pelas várias espécies: sardinha, 831.846 quilos (44.344 caixas) no valor de 15.323.435\$15; carapau, 21.603 quilos (1.137 caixas) no valor de 328.797\$66; cavala, 81.738 quilos (3.419 caixas) no valor de 1.326.607\$74; atum e similares, 126.324 quilos (3.572 caixas) no valor de 3.505.491\$00; filetes de anchovas, 232.706 quilos (29.773 caixas) no valor de 5.920.040\$65; lulas e chocos, 15.541 quilos (961 caixas) no valor de 375.004\$30 e outras espécies, 3.057 quilos (144 caixas) no valor de 61.140\$00.

Matosinhos ocupa o primeiro lugar nesta exportação com 723.011 quilos (39.370 caixas) ou 55%, Olhão o segundo, com 159.501 quilos (12.709 caixas) ou 12,1% e Setúbal o terceiro, com 128.686 quilos (8.588 caixas) ou 9,8%.

Exportaram-se em Abril menos 1.025.561 quilos (67.837 caixas) do que em Março e mais 617.901 quilos (32.492 caixas) do que em Abril do ano transacto.

**Salmoura**

A exportação de conservas de salmoura em Abril foi de 367 quilos no valor de 6.434\$00, dos quais 302 quilos de atum e 65 quilos de outras espécies.

Esta exportação foi inferior à de

Março em 26.230 quilos e à de Abril de 1949 em 19.296 quilos.

**Congelados**

A exportação de congelados no mês de Abril foi de 13.144 quilos no valor de 199.717\$20, nas seguintes espécies: sardinha, 6.965 quilos; enguias, 120 quilos, cavala, 10 quilos; carapau, 1.740 quilos; pescada, 175 quilos; polvo, 1.992 quilos; lulas e chocos, 1.787 quilos, camarão, 75 quilos e lagosta, 280 quilos.

Exportaram-se mais 10.689 quilos do que em Março e 5.544 quilos do que em Abril do último ano.

**POR PAISES**

**Azeites ou Mólhos**

Os três principais países importadores, foram: Inglaterra, 468.806 quilos (35,7%); Itália, 321.363 quilos (24,4%) e E. U. A. 235.175 quilos (17,9%).

Em relação às espécies, a Inglaterra foi o maior comprador de sardinha (468.806 quilos), a África Oc. Britânica, de carapau (19.950 quilos), a Bélgica, de cavala (40.572 quilos), a Itália, de atum e similares (112.904 quilos), os E. U. A. de filetes de anchova (212.360 quilos), Cuba, de lulas e chocos (7.457 quilos).

**Salmoura**

O principal comprador foi Moçambique que ocupa também o primeiro lugar em Março.

**ITÁLIA**

Casa comercial de Génova  
assumiria a representação  
de um bom fabricante de  
conservas

Resposta Cassetta postale 690

**G E N O V A**

Produção, por centros, de conservas de azeite ou mólhos, em caixas, em Abril de 1950  
*April Canned Fish Pack (in cases)*

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchard</i>	Caçala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Outras Espécies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
Matosinhos .....	-	-	-	171	13.901	1.514	15.586
Peniche .....	-	-	-	-	-	-	-
Lisboa .....	-	-	-	-	6.553	277	6.830
Setúbal .....	-	-	-	8.197	31.236	10 102	49.535
Lagos .....	-	-	-	-	-	-	-
Portimão .....	-	-	-	-	46.714	-	46.714
Olhão .....	-	-	-	-	77.498	-	77.498
V. R. de Santo António ...	-	-	-	-	35.845	1.295	37.140
	-	-	-	8.368	211 747	13.188	233.303

Exportação, por centros, de conservas de azeite ou mólhos, em quilos, no mês de Abril de 1950  
*April Canned Fish Export (by Centers)*

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchard</i>	Caçala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squid</i>	Outras espécies <i>Other species</i>	TOTAIS <i>Total</i>	
								Caixas <i>Cases</i>	Quilos <i>Kilos</i>
Açores .....	-	-	-	30.000	-	-	-	800	30.000
Matosinhos .....	707.682	1.330	-	-	13.481	21	497	39.370	723.011
Lisboa .....	29.612	4.028	304	4.320	56.735	2.207	2.370	10.452	99.576
Setúbal .....	35.231	16.150	35.667	6.780	25.245	9.613	-	8.588	128.686
Lagos .....	-	-	-	-	1.472	-	-	155	1 472
Portimão .....	25.128	-	35.526	-	58.637	-	-	9.126	119.291
Olhão .....	32.017	95	10.241	51.241	65.717	-	190	12.709	159.501
V. R. de St.º António	2.176	-	-	33.983	11.419	3.700	-	2.150	51.278
	831.846	21.605	81.738	126.324	232.706	15.541	3.057	83.350	1.312.815

Sociedade **ASTÓRIA** Limitada

ARTES GRÁFICAS

REGUEIRÃO DOS ANJOS, 68 - TELEF. 43258 LISBOA

# Production and Exportation

Situation during the month  
of April

## PRODUCTION

### Oil or sauce

The production of fish preserves in oil or sauce during the month of April was of 233,303 cases, so distributed: Tunny and the like, 8,368 cases; Fillets of Anchovies, 211,747 cases and other kinds, 13,188 cases. Olhão was the leading packing center with 77,498 cases (33,2%), followed by Setubal with 49,535 cases (21,2%) and by Portimão, with 46,714 cases (20%).

As regards kinds, Setubal was the largest packer of Tunny and the like (8,197 cases) and of other kinds (10,102 cases) followed by Olhão with 77,498 cases of Filets of Anchovies.

The production of these preserves in April was higher as compared with the previous month by 200,081 cases and by 215,419 cases as compared with the month April, 1949.

### Brine

The production of preserves in brine during the month of April was of 400,322 kilos for the following kinds: Sardines, 14,042 kilos and Biqueirão, 386,280 kilos.

The packing centers for these preserves were: Lisbon, 7,610 kilos of Sardines; Setubal, 780 kilos of Biqueirão; Lagos, 30,009 of Biqueirão; Olhão, 6,336 kilos of Sardines and 237,021 kilos of Biqueirão and Vila Real de Santo Antonio, 96 kilos of Sardines and 91,741 kilos of Biqueirão.

The packing of brine in April was higher as compared with March by 396,016 kilos and by 353,352 kilos and by 353,352 kilos as compared with April of last year.

## EXPORT

### By centers

#### Oil or sauce

The export of preserves in oil or sauce during the month of April, was of 1,312,815 kilos (83,350 cases) amounting to 26,840,516\$50, so distributed as regards kinds: Sardines, 831,846 kilos (44,344 cases) amounting to 15,323,435\$15; Chinchards, 21,603 kilos (1,137 cases) amounting to 323,797\$66; Mackerel, 81,738 kilos (3,419 cases) amounting to 1,326,607\$74; Tunny and the like, 126,324 kilos (3,572 cases) amounting to 3,505,491\$09; Filets of Anchovies, 232,706 kilos (29,773 cases) amounting to 5,920,040\$65; Calamaries and Cuttlefish, 15,541 kilos (961 cases) amounting to 375,004\$30 and other kinds, 3,057 kilos (144 cases) amounting to 61,140\$00.

Matozinhos takes the lead in this packing with 723,011 kilos (39,370 cases) or 55%, Olhão takes the second place, with 159,501 kilos (12,709 cases) or 12,1% and Setubal occupies the third one with 128,686 kilos (8,588 cases) or 9,8%.

In April were exported 1,025,561 kilos less (67,837 cases) than in March and 617,901 kilos more (32,492 cases) than in April of last year.

### Brine

The export of preserves in brine in April was of 367 kilos amounting to 6,434\$00, of which 302 kilos of Tunny and 65 kilos of other kinds.

This export was lower as compared with March by 26,230 kilos and also lower by 19,296 kilos as compared with April, 1949.

### Frozen

The export of frozen during the month of April was of 13,144 kilos

amounting to 199,717\$20 for the following kinds: Sardines, 6,965 kilos; Eels, 120 kilos; Mackerel, 10 kilos; Chinchards, 1,740 kilos; Whiting, 175 kilos; Poulp, 1,992 kilos; Calamaries and Cuttlefish, 1,787 kilos; Shrimps, 75 kilos and Lobster, 230 kilos.

In this month were exported 10,689 kilos more than in March and 5,544 kilos more than in April, 1949.

### By countries

#### Oil or sauce

The three leading importing countries were: England, 468,806 kilos (35,7%), Italy, 321,363 kilos (24,4%) and U. S. A. 235,175 kilos (17,9%).

As regards kinds, England was the best buyer of Sardines, (468,806 kilos), British West Africa, of Chinchards (19,950 kilos), Belgium, of Mackerel (40,572 kilos), Italy of Tunny and the like (112,904 kilos), U. S. A. of Filets of Anchovies (212,360 kilos) and of other kinds (925 kilos), Cuba of Calamaries and Cuttlefish (7,457 kilos).

### Brine

The leading buyer was Mozambique which occupies the first place too in the last month of March.

**Serrão de Faria & C.<sup>a</sup>**

---

Import — Export

Rua Nova do Almada, 36-7.º - Telefone 2 8623

Telegrams DEFARIA — LISBOA

★

Ses vieilles marques :

LES GLORIEUSES — LE SOURIRE —  
BRISE MARINE — BELVEDER — FAN-  
DANGO — TURANDOT — ELLINOR  
— TADIUM — YVONNE

Exportação de conservas de peixe em azeite ou em molhos, em quilos, por países de consumo, em Abril de 1950

April Canned Fish Export (by countries)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chincharid</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squids</i>	Outras espécies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
África Oc. Francesa	8.018	-	-	-	-	-	-	8.018
África Oriental Brit.	380	-	-	-	-	-	-	380
África Ocidental Brit.	62.267	19.950	8.930	-	162	-	-	91.309
Angola	7.877	-	57	171	104	76	764	9.049
Bélgica	2.185	-	40.572	-	1.550	-	-	44.307
Cabo Verde	245	-	-	-	-	-	82	327
Ceilão	760	-	-	-	-	-	-	760
Colômbia	3.534	-	-	138	856	185	-	4.713
Col. Brit. A. C. e Sul	-	-	-	-	474	-	-	474
Congo Belga	893	-	-	-	147	-	-	1.040
Cuba	14.025	-	-	3.898	285	7.457	-	25.665
Curacao	3.520	-	-	-	-	-	-	3.520
Dinamarca	494	-	-	-	-	-	-	494
Egipto	5.857	95	2.225	1.520	2.746	-	-	12.441
Equador	-	-	-	-	238	-	-	238
Etiópia	1.900	-	-	-	-	-	-	1.900
E. U. da América	17.940	-	-	-	212.360	4.650	925	235.175
Filipinas	20.548	-	-	-	-	-	-	20.548
França	-	-	-	-	114	-	-	114
Grécia	3.315	-	-	-	-	-	-	3.315
Guiana Holand.	-	190	-	-	-	-	-	190
Guiné	456	190	-	122	-	40	252	1.060
Inglaterra	468.806	-	-	-	-	-	-	468.806
Itália	179.578	-	28.881	112.904	-	-	-	321.363
Macau	-	-	-	23	-	-	-	23
México	-	-	-	-	-	575	-	575
Mozambique	4.503	1.178	152	856	221	237	380	7.527
Panamá	437	-	-	185	95	93	37	847
S. Tomé e Príncipe	589	-	-	241	-	-	57	887
Síria	12.540	-	-	1.007	902	-	-	14.449
Suíça	9.501	-	828	2.290	11.294	-	-	23.913
Territ. E. U. A. na América Central	900	-	-	200	86	2.228	-	3.414
Venezuela	190	-	-	2.351	1.045	-	560	4.146
Form. à Navegação	1.088	-	95	418	27	-	-	1.628
Quilos (Kilos)	231.846	21.603	81.738	126.324	232.766	15.541	3.057	1.312.815
Caixas (Cases)	44.344	1.137	3.419	3.572	29.773	961	144	83.350
Valores (Values)	15.323.435\$15	328.797\$66	1.326.607\$74	3.505.491\$00	5.920.040\$65	375.004\$30	61.140\$00	26.840.516\$50

(a) Antepasto

PREÇOS MÉDIOS, FOB, EM ABRIL (AVERAGE FOB PRICES IN APRIL): *Conservas em molhos*; (base 1/4 clube 30<sup>mm</sup>); sardinha em azeite, 355\$00; sardinha em óleo, 345\$00; cavala em azeite, 308\$00; (base 1/10) filetes de anchovas, 241\$70; (base quilo) atum em azeite, 27\$75; *Salmouras*; (base quilo); sardinha, 7\$73; *Congelados*; (base quilo); sardinha 15\$40; polvo, 12\$74; lulas e chocos; 12\$30.



# Mercados



## SUIÇA

(do nosso correspondente)

A importação total de conservas de peixe na Suíça, em 1949, dos diversos países, distribuída pelas três rubricas da sua pauta alfandegária, foi a seguinte, em quilos e valores:

### Peixes conservados em recipientes de mais de 3 quilos

	Peso líquido Quilos	Valor em francos Suíços
Alemanha .....	18.088	21.779
Bélgica .....	1.442	6.839
Canadá .....	1.134	7.551
Dinamarca .....	101.522	206.141
Espanha .....	123.816	427.309
França .....	111.280	277.692
Holanda .....	242.201	311.885
Inglaterra .....	10.828	11.456
Marrocos-Espanhol ..	43.599	201.020
Noruega .....	36.420	61.724
Portugal .....	79.813	363.513
	773.143	1.896.939

### Peixes conservados em recipientes de menos de 3 quilos

(salmão, pilchard, arenque e sardinha em tomate)

	Peso líquido Quilos	Valor em francos Suíços
Bélgica .....	9.757	28.946
Canadá .....	163.129	460.544
Dinamarca .....	1.196	1.743
E. U. A. do Norte ...	405.158	814.892
Holanda .....	39.148	143.937

Itália .....	4.065	8.217
Marrocos-Francês ...	350	430
Noruega .....	12.983	26.753
Perú .....	7.513	16.805
Portugal .....	8.916	26.951
Suécia .....	1.885	4.500
	651.130	1.533.748

### Outras conservas de peixe em recipientes de menos de 3 quilos (sardinha, atum em azeite, etc.)

	Peso líquido Quilos	Valor em francos Suíços
Bélgica .....	45.135	124.315
Canadá .....	5.009	11.060
Chile .....	1.980	9.000
Dinamarca .....	11.142	39.598
Espanha .....	552.296	3.247.114
E. U. A. do Norte...	6.680	9.685
França .....	443.135	2.441.925
Itália .....	16.877	91.395
Japão .....	38.215	160.040
Marrocos-Espanhol ..	26.277	109.019
Marrocos-Francês ...	15.383	42.608
Noruega .....	64.394	203.470
Perú .....	218.064	741.903
Portugal .....	894.467	3.412.739
	2.342.054	10.643.871

O total das importações foi, portanto, de 3.769.327 quilos no valor de 14.074.558 francos suíços.

Verifica-se, em relação a 1948, um aumento nestas importações de 385.409 quilos no valor de 907.739 francos.

Na rubrica peixes conservados em recipientes de mais de 3 quilos, figura como principal fornecedor a Holanda com as suas conservas de arenques fumados (242.201 quilos) seguida da Espanha com biqueirão em salmoura e atum (123.816 quilos) e a França, com bacalhau e atum (111.280 quilos).

Portugal entra nesta rubrica com 79.813 quilos de atum.

Nas conservas em recipientes de menos de 3 quilos, em molho de tomate, o principal fornecedor são os E. U. A. com 405.158 quilos de pilchard e salmão e o Canadá com 163.129 quilos de salmão. Os preços excepcionalmente baixos das conservas de pilchard norteamericano encorajaram uma importação relativamente avultada destas conservas.

Portugal forneceu 8.916 quilos de sardinhas em tomate.

Na rubrica conservas de sardinha, atum em azeite, etc., Portugal está à frente de todos os outros países fornecedores da Suíça, com 894.467 quilos que compreendem sardinha, filetes de anchovas, atum e filetes de cavala. A Espanha ocupa o segundo lugar com 552.296 quilos também de sardinhas, atum e filetes de anchova e a França o terceiro, com 443.135 quilos exclusivamente de atum.

Portugal continua a ser o principal fornecedor de conservas de peixe para a Suíça, totalizando nas várias espécies 983.196 quilos no valor de 3.803.233 quilos.

O consumidor suíço continua a dar preferência nas suas compras às sardinhas e filetes de anchova portuguesas. Porém, o decreto que o Governo helvético pôs em vigor em 1 de Maio de 1949 impondo a obrigação do pagamento de mercadorias portuguesas em divisas suíças acarreta, para as nossas conservas de sardinha, uma alta artificial no mercado suíço de 7 a 8% que o comércio dificilmente suporta.

Esta alta, em relação aos filetes, pôde ser contrabalançada com a baixa do preço dos filetes na origem. O mesmo, porém, não foi possível com as conservas de sardinha.

No que diz respeito às conservas de atum, o produto português sofre a concorrência das indústrias congêneres francesa, espanhola, sobretudo de Tânger, peruana e japonesa, esta oferecendo o seu atum branco por intermédio de firmas norteamericanas a preços cerca de 1/3 mais bai-

(Continua na pág. 15)

Há alguns dias dei-me a folhear vários números da antiga revista de Matosinhos «*Conservas*».

No seu número 60, de Dezembro de 1940, encontrei um artigo meu, já esquecido, que não resisto a transcrever integralmente, tal a oportunidade que lhe encontro — e já lá vão passados cerca de 10 anos!

Servirá essa transcrição para justificar, também e de certa forma, o pessimismo e desalento que, ao que parece, se evidenciaram bastante num dos meus últimos artigos recentemente publicados nesta revista.

Alguém, muito amigo, me escreveu realmente a tal respeito:

«Comungo com o meu amigo no seu aborrecimento contra uma mentalidade industrial que se revela cada vez mais obtusa e falha de senso comum. A casa da guarda e os «comandos de ataque» têm, porém, que ser mantidos pelos «velhos», que são os que lutam há muitos anos por uma «indústria melhor» e que não podem esmorecer nem retirar. Está entre estes o meu amigo.»

Pondo de parte a última frase, que só a muita amizade justifica, eu concordo com esse meu Amigo.

Porém, valerá a pena insistir? E, passemos à transcrição referida.

«No n.º 58 desta revista (*Conservas*) publicou-se um extracto duma acta do Conselho Geral do I. P. C. P. em que se lê: «O Conselho Geral é de parecer que não interessa para já a modificação radical da indústria de conservas, e que conviria adoptar, em cada oportunidade que se apresentasse, as medidas conducentes à boa marcha dos negócios. Não se manifestaram a Direcção do Instituto e o sr. Presidente do Grémio do Norte, mantendo ambos o ponto de vista que há muito vêm sustentando de que *é urgente e vital para a indústria modificar o sistema de venda das conservas, e que tal objectivo só pode ser alcançado, por forma eficaz, com a criação dum organismo de concentração obrigatória, nos moldes da Bolsa das Conservas.*»

«Salvo o devido respeito e em meu modesto entender, a afirmação que se faz nesta acta e que sublinho na transcrição acima, peca por excesso, saindo mesmo do âmbito dos princípios em que se baseou, segundo creio, o projecto da Bolsa das Conservas, inspirado pelo digníssimo Director daquele organismo.

«Uma concentração obrigatória de vendas seria evidentemente e em teoria 100 % eficaz para o fim que se pretende atingir, mas não deixa, por isso, de oferecer certos perigos. Recio bem que essa sua eficácia viria a ser contrariada, *à la longue*, na prática pelos efeitos e consequências desses mesmos perigos. Por outro lado, afectaria gravemente os interesses adquiridos e dignos de todo o respeito das organizações privadas de venda actualmente existentes e a quem quer que pertençam (industriais-exportadores ou exportadores comerciantes).

«Uma solução intermédia que possa, porventura, oferecer as mesmas vantagens sem dar o flanco aos riscos que se receiam, seria o ideal.

«A passagem obrigatória de toda a produção da indústria de conservas de sardinha por um organismo com carácter de Entrepasto (sem que necessariamente e forçadamente detenha a função, exclusiva ou não, das vendas) representaria essa solução?»

«Julgo sinceramente que sim e, indo mais longe ainda, atrevo-me mesmo a afirmar que nem a obrigatoriedade de passagem de todas as mercadorias por esse Entrepasto seria indispensável para que a sua existência nos levasse a atingir os fins em vista.

«Procurarei ser o mais claro possível na explicação, que se segue, dos motivos que me levam a pensar assim.

«Da acção de tal Entrepasto (e não nos prendamos, por agora, com os detalhes ou pormenores da sua orgânica) que resultados se poderiam obter?»

«O Entrepasto daria aos industriais de conservas

# REMEMOI

a garantia dum *financiamento* tão amplo em *quantia* e em *tempo* que esse mesmo financiamento chegaria mesmo a perder a característica de empréstimo.

«O Entrepasto, ao mesmo tempo, libertaria os industriais do pesadelo dos encargos correspondentes a esse financiamento porque tais encargos seriam substituídos por um único encargo, constante, permanente e repartido solidariamente.

«O Entrepasto estabeleceria a separação de interesses entre as duas actividades, industrial e comercial, mesmo quando elas coincidissem na mesma entidade (como no caso, aliás geral em Matosinhos, a exportação, no todo eu em parte, dos seus produtos).

«O Entrepasto garantiria ao comércio exportador perfeita igualdade e permanência nas condições de aquisição das conservas.

«Exemplifiquemos:

«Quando o industrial A. tiver a possibilidade de entregar os seus produtos ao Entrepasto, sendo reembolsado do custo dos mesmos e auferindo, ainda e já, um lucro industrial, remunerador embora modesto, só voltará a interessar-se pela colocação dos mesmos pro-

duto nos mercados consumidores *pensando como comerciante*, isto é, quando saiba que, com a sua venda, obterá um rendimento superior à importância que terá de pagar pela sua reaqüisição ao mesmo Entrepasto e, consequentemente, uma nova remuneração, um novo lucro.

«Mesmo no caso do industrial B. que não tenha recorrido ao Entrepasto por não ter necessidade disso, parece lógico supor-se que o mesmo só venderá lá para fora as suas mercadorias a preços superiores àqueles que o Entrepasto lhe pagaria cá dentro, sem mais maças nem responsabilidades. Se os seus esforços nesse sentido resultarem vãos, acabará — quando o entender e nisso terá plena liberdade — por as entregar ao Entrepasto. Quando muito, cairá em vendê-las a preço igual, evidenciando uma péssima compreensão dos seus deveres e incorrendo, necessariamente, nas penalidades

# RANDO...

que lhe sejam aplicáveis. Se as vender mais baratas, então só por aberração ou birra mal intencionada. Um e outro destes casos, tão esporádicos como forçosamente o serão, não poderão passar desapercibidos à fiscalização oficial e à observação interessada dos seus colegas.

«Vem agora a talho de foice responder a duas perguntas que podem e devem ser formuladas.

«1.ª — Mas, então, com a entrada em funções do Entrepasto, a luta de concorrência viria, de facto, a ser eliminada? Responderei que não. Simplesmente, passaria a ser enquadrada dentro de certos limites e os seus efeitos deixariam de apresentar o carácter pernicioso sob os pontos de vista económico, industrial e até social — que, na realidade, é aquele que o Corporativismo lhe pretende arrancar. Os efeitos dessa luta de concorrência passariam a verificar-se somente na possível redução do lucro comercial mas de forma alguma se sentiriam já no desenvolvimento da actividade industrial. E é esta que nos compete defender antes de tudo.

«2.ª — Não se correria o risco de chegarmos à acumulação de «stocks» sem saída no Entrepasto, o que, evidentemente, com o decorrer do tempo criaria

uma situação de beco sem saída? Certamente que essa hipótese não deve ser inteiramente posta de parte. Porém, ela será tanto mais afastada do nosso espírito quanto mais atentarmos nas seguintes considerações entre outras:

a) não ser lícito admitir a hipótese dos altos dirigentes da nossa organização e representantes da própria indústria e comércio das conservas caírem no erro grosseiro de estabelecer preços que, por uma valorização excessiva e artificiosa, se tornem incomportáveis pelos mercados consumidores;

b) muito embora possamos concordar que alguns industriais se viessem a desinteressar, por comodismo, da colocação dos seus produtos (e uma sábia parcimónia na atribuição do lucro industrial, a ser contado para efeito do estabelecimento do preço de entrada no Entrepasto, diminuiria esse perigo), é impossível que accitemos, por absurda, a hipótese do que a maioria assim o fizesse — poucos se resignariam facilmente a essa renúncia.

c) por outro lado, têm de encarar-se, como válvulas de segurança para esse efeito, a existência dos exportadores-comerciantes e, ainda, a possível e conveniente criação de organismos colectivos de venda.

«Mas, reparo que me estou afastando do assunto deste meu artigo que tendia a justificar, como sei e posso, a minha convicção de que os fins que se pretendem atingir, para bem da indústria conserveira, podem ser alcançados sem termos de ir, precipitada e inopidamente, para uma concentração de vendas.

«E esta constatação é tanto mais importante quanto estas simples palavras «concentração de vendas» provocam enormes receios, porventura exagerados mas que não deixam de ser justificáveis.

«E, contudo, eu estou convencido de que se trata afinal dum simples equívoco de palavras: a própria Direcção do I. P. C. P. nunca pensou numa verdadeira concentração obrigatória de vendas.

«Basta-nos, para chegarmos a esta conclusão, lermos a circular n.º 293 que jamais me cançarei de recomendar à leitura atenta e cuidadosa dos interessados.

E, assim, para evitar o agravamento dum mal entendido (que tantos prejuízos já ocasionou à indústria das conservas) é que não quis deixar passar em silêncio uma afirmação que se tornou pública por intermédio desta Revista e que, repito, peca por excesso ou, para melhor dizer, por erro ou impropriedade de expressão.»

Terminada a transcrição das minhas afirmações de há dez anos, reservar-me-ei para, no próximo número desta Revista, as actualizar.

Será preciso, porém, tal actualização? Salvo em pequenos pormenores, que não se referem aos princípios em causa — agora como então — quase a julgo dispensável.

9-5-1950.

FERREIRA BARBOSA



# F. NÓBREGA DE LIMA, L.<sup>DA</sup>

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS DE:

Matérias primas para a indústria, Maquinaria e Motores

**E. W. BLISS & Co.**

Prensas, Instalações completas  
para o fabrico de vazio, etc.

**FAIRBANKS, MORSE & C<sup>o</sup>. INC.**

Motores Diesel marítimos, Ge-  
radores, Balanças automáticas  
de todos os tipos, etc.

**PALLARÉS HERMANOS S. A.**

Azeites de Oliveira

**REPUBLIC STEEL CORPORA-  
TION**

Folha de Flandres, arame, etc.

**SIGNODE STEEL STRAPPING**

Arco de ferro para embalagens,  
etc.

SEDE

Av. 24 de Julho, 1,  
2.<sup>o</sup> Dt.<sup>o</sup>

LONDRES

115 Park Street Lon-  
don, W.1

Teleg. Julima London  
Telef. MAYFAIR 3391

Stand: Largo de San-  
tos, 5

Teleg. Julima — Lisboa  
Telef. 22192/3  
LISBOA

PORTO

Escritórios e Stand:  
Rua José Falcão, 2

Teleg. Julima — Porto  
Telef. 2 2553

# A fuga das sardinhas

pele Dr. Ferreira de Mira

Foi nomeada uma Comissão, a que preside um distinto especialista, para estudar, nos Estados Unidos da América, as razões do afastamento das sardinhas e o modo de o evitar, quando isto seja possível. Todas as diligências nesse sentido são justificadas, quer se considere a importância da indústria das conservas entre nós, quer se atenda apenas ao consumo do nosso país.

Evidentemente há motivos de ordem geral que determinam os movimentos dos peixes, de aproximação ou de afastamento; mas há que decidir quais valem principalmente para a espécie animal considerada. Estudos anteriores, alguns muito recentes, vieram demonstrar que o comportamento das várias espécies é, a esse respeito, muito diferente. Por exemplo, no que se refere à salinidade de água. Não há animal algum que exija, para poder viver, salinidade absolutamente fixa; mas também nenhum que possa suportar todas as variações de concentração salina que possamos imaginar.

Sob este ponto de vista de concentração salina do meio ambiente podem classificar-se os animais em dois grandes grupos, conforme realizam a sua regulação osmótica, isto é, mantêm a sua pressão osmótica nos devidos limites, por faculdade própria do ser protoplasma, ou pela actividade em conjunto do seu meio interior. Os peixes são animais superiores. Têm sangue, como nós, de que os seus tecidos se alimentam e para onde lançam as suas excreções. Têm, portanto, um meio interior, de pressão osmótica constante que se manterá mais ou menos facilmente conforme a salinidade do meio exterior. Assim há peixes que supor-

tam a passagem de água salgada para a água doce ou vice-versa, e outros que a não suportam.

Pode dizer-se que os peixes de água doce são lavados internamente por uma corrente constante de água quase pura; e no entanto eles mantêm a concentração salina do seu meio interior. Conseguem no eliminando muita água por abundante excreção de urina que tem, no entanto, mineralização superior à da água doce, recebendo iões pela alimentação e absorvendo certos iões pelas guelras, por uma propriedade que se exerce em contrário do que determinaria a acção simples das forças osmóticas. Pelo contrário, os peixes marinhos habitam um meio de forte concentração salina. Para alguns a do seu meio interior é muito próxima, o que dispensa grande eficácia dos aparelhos reguladores. É o caso dos Salinos cujo meio interior, muito rico de ureia, é levemente hipertónico em relação à água do mar. Por isso bebem pouco, urinam pouco e resistem mal contra as variações de salinidade da água. Os Telebósteos, pelo contrário, têm a pressão osmótica do meio interior consideravelmente inferior à da água salgada. Defendem-se bebendo frequente e abundantemente e operando, ao nível da parede intestinal, uma selecção nessa água absorvida, que consiste em recolher os iões monovalentes: sódio, potássio e cloro, eliminando o restante.

Tudo isto não faz prever que razões terão levado as sardinhas a deixar as nossas costas, preferindo as marroquinas. Se estas mudanças coincidissem com períodos da vida sexual dos peixes, tudo se poderia facilmente explicar. Temos o caso

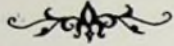
bem conhecido dos salmões que passam do mar para os rios quando querem desovar, o das enguias que nascem no mar, sobem os rios onde passam anos e voltam ao mar, e outros casos ainda. Podemos dizer que a salinidade conveniente para determinada espécie de peixes varia, às vezes dentro de limites muito afastados, com os períodos da vida sexual; e também se observou que varia com a temperatura e com o estado de nutrição, portanto com a escassez ou abundância de alimentos. Em todo o caso, e considerando constantes esses valores, é certo que muitas espécies de peixes são dotadas de sensibilidade surpreendente para as variações de salinidade da água, chegando a distinguir aquele cuja salinidade é de 34 por 1.000 da que tem 33,94 por 1.000.

Há boas razões para supor que as diferenças de salinidade das águas sejam o motivo imediato do movimento emigratório dos peixes. Pode dizer-se que a escassez de alimentação seja a verdadeira determinante; mas não é natural que os peixes raciocinem: «há pouco alimento nesta costa marítima; vou experimentar outra região». Mais razoável seria supor que, ainda quando a salinidade da água não se tenha alterado no local onde os peixes estão vivendo, fosse a alteração de sua nutrição, provocada pela alimentação deficiente, que exigisse um ambiente de salinidade diferente da que, até então, satisfazia as conveniências do seu organismo. Também nesta hipótese o remédio consistiria em promover condições de boa nutrição.

A extrema sensibilidade dos peixes, em geral, às variações da tensão osmótica do meio líquido em que vivem faz supor que são essas variações as determinantes directas da sua aproximação ou do seu afastamento. No que respeita à fauna própria dos estuários dos rios, é permitido afirmar que, conforme a estação do ano que enfraquece ou engrossa a corrente dos rios e confor-

(Continua na pág. 22)

EMPRESA EXPORTADORA  
LUSITANIA, L.<sup>DA</sup>

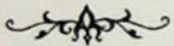


CONSERVAS DE PEIXE

*Sardinhas, Atum, Filetes  
de Cavalas, Anchovas*

Marcas:

ODEON-TIVOLI  
PACIFIC-SEABELLE



Telegrafo  
LUSITANIA

Correspondência  
APARTADO, 100

Telefone  
272

S E T Ú B A L

APA



**SEVEN BRAND**

SÃO CONSERVAS  
DE CONFIANÇA

FABRICADAS POR

*Manuel Pereira Junior*

RUA BERNARDINO COSTA, 41 • LISBOA • PORTUGAL



Lopes da Cruz & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

Rua Brito e Cunha, N.º 513 a 541

MATOSINHOS – PORTUGAL



OLEÃO IMPÕE-SE PELA FORÇA...  
COMO AS CONSERVAS  
LOPES DA CRUZ & C. L.  
PELA QUALIDADE

Com Fábricas em:

Matosinhos

Vila do Conde



# INDÚSTRIA DE PEIXE EM SALMOURA

## GRÉCIA, PAÍS PRODUTOR...

Na verdade, algo de novo está a suceder que nos obriga a tomar consciência de nós próprios e da gravidade dos problemas que afectam a indústria de peixe em salmoura e para os quais temos, conjuntamente, de encontrar solução.

As nossas possibilidades de defesa eliminam-se, desmembradas pela força de circunstâncias, com origem primacial na perda, um após outro, dos antigos e bons mercados que possuíamos para os nossos produtos. E, assim, vamos assistindo impotentes, à perda de mercados como *Argentina, Brasil, Cuba, França*, para os prensados e, por último *Itália*, o grande mercado, nossa verdadeira fonte de resistência, para os prensados e salmouras, para aonde nem mesmo um acordo ultimamente assinado permite ou facilita a exportação dos nossos produtos. Os seus preços ruinosos, não os podemos aceitar, preços que em breves dias, segundo nos informam, em Julho próximo, serão agravados com um aumento de taxa alfandegária, a roçar pelos 35 %.

E se um milagre, no qual aliás já não acreditamos, não surgir, permitindo-nos reviver dias de saudosa lembrança, de lotas super-abundantes a preços baixos, teremos que esquecer a *Itália* como mercado inútil.

O desejo de tudo tentar para não morrer, levou alguns, que ainda por estas coisas lutam, firmes na convicção de que um grande esforço se deve levar a cabo para pôr termo ao que se pode chamar indiferentismo ou fatalismo, — ou pelo menos na tentativa de salvaguardar uma consciência, que deve como coisa última, restar sempre tranquila, pelo dever cumprido, — a olhar com

muita atenção e cuidado, o último reduto que ainda se oferecia, mercado de velhas tradições, que em períodos, não importa se espaçados, comprava os nossos produtos em salmoura: a *Grécia*.

A tarefa era imensa. Mas foi possível, graças à compreensão do Estado Português que olhando com desvelado interesse as necessidades e aspirações dos seus filhos assinou com a *Grécia* um acordo comercial.

Mas o Acordo Comercial se era muito, não era tudo. Era necessário também a colaboração dos próprios interessados para resolver os problemas que surgiriam, por certo, e torná-lo num instrumento utilizável, obtendo através de trabalho sensato, os objectivos para que ele foi criado.

As palavras escritas e reforçadas por assinaturas não bastavam. Urgia concretizá-las em realidades. E assim, na medida das nossas possibilidades, dando toda a nossa boa vontade, que era enorme e toda a inteligência, que era pouca, fazendo dessas qualidades um todo homogéneo, lançámo-nos, esses alguns, ao trabalho.

É deste e dos seus resultados e das previsões quanto ao futuro, que vamos tratar, para que todos aqueles que nos quiserem e tiverem a santa paciência de nos ler, se inteirem da situação e façam o seu juízo.

Um dos nossos principais objectivos consistia, já que tínhamos em mãos um acordo, fazer regressar o mercado grego, onde os nossos produtos tinham tradição marcada, ao sistema de livre comércio. E a realização desse objectivo inspirou toda a nossa acção. Era preciso que no interior desse mercado, se fizesse a

livre circulação dos nossos peixes em salmoura, segundo o jogo livre da concorrência, à base dum preço previamente estudado entre os vendedores e compradores, sancionado pelas respectivas entidades oficiais. Era forçoso impedir que terceiros nos sujeitassem a um pesado jugo de sacrifícios, traduzidos pela perda da liberdade de comerciar e pela sujeição a um preço de venda que não corresponderia às possibilidades do mercado consumidor.

Do Norte ao Sul, foi escutada, felizmente, a voz da razão e uma maioria esmagadora de industriais de peixe em salmoura, foi unânime em concordar que algo se oferecia que era preciso aproveitar, demonstrando aos dirigentes que merecíamos o muito que fora feito e correspondíamos, colaborando intensamente, na parte que nos cabia trabalhar.

Dessa compreensão e conjugação de vontades, nasceu a Comissão Central e dela, uma delegação, que vencendo dificuldades e mais dificuldades — e elas tinham começado já no nosso país — partiu em missão comercial para a *Grécia*, a lembrar e exigir o cumprimento dum direito que nos dava a rubrica dum acordo comercial, que parecia estar esquecido, em prejuízo duma indústria e da economia duma Nação, que estava cumprindo, com honra e nobreza, tudo a quanto se tinha obrigado.

Deste argumento nos servimos como arma de defesa e ataque nas lutas constantes de todos os dias, travadas com as entidades gregas, até à vitória. Dela se serviu o nosso Encarregado de Negócios, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Fernando de Oliveira, digníssimo representante de Portugal naquele país, a quem a indústria muito ficou devendo e de quem muito ainda poderá esperar. A sua cooperação foi brilhante e sem ela, nada teríamos conseguido.

Elementos colhidos não só nas reuniões em que participámos com todos os Agentes ligados aos nossos interesses, como ainda nos encontros privados que tivemos com personalidades de relevo na política económica do país, mas principalmente

nas visitas feitas aos Ministérios dos Estrangeiros, Economia, Coordenação e a ECA, habilitaram-nos a declarar afoitamente, que possuímos bagagem suficiente para expormos e discutirmos, se tanto for preciso, o que pretendemos a todos dizer.

Não falaremos agora dos resultados colhidos, de todos bem conhecidos. Tão pouco das dificuldades, canseiras ou desgostos. O nosso fim neste momento é outro. Queremos tentar fazer compreender a todos, à Indústria e ao Estado, que a Grécia, antigo mercado importador dos produtos em salmoura, é hoje um país produtor de considerável valor industrial.

As suas indústrias, pesca e conservas, atingiram a maioria e sentem em si a responsabilidade e o poder de abastecer o país.

Ouvir não satisfazia totalmente a nossa curiosidade de industrial e quisemos ver. Visitámos, então, alguns Centros industriais e o que nos foi dado ver, surpreendeu-nos.

O plano *Marshall*, em pouco tempo tinha conseguido o milagre de desenvolver uma indústria, a pesca, que até aí, poder-se-ia dizer, quase não existia. Fomentando-a, aumentando e modernizando a flotilha pesqueira, convenceu, e em verdade, um povo, de que o seu mar não era po-

bre em peixe. A demonstração clara e indiscutível, a prova prática, oferecia-se a nossos olhos, ali naqueles barcos que nos mostravam sardinhas e biqueirões, em quantidade apreciável. E são inúmeros os portos de pesca: Mitilene, Kastron, Kavalla, Salónica, Volos, Chios, Edipsos, Pireu, Patras, Orei, etc. espalhados pelos mares Adriático e Egeu.

Estudámos os peixes frescos e o mesmo fizemos ao produto conservado e, se a nossa opinião alguma coisa vale, simplesmente diremos que a semelhança, com os nossos, é flagrante, abstraindo algumas deficiências técnicas, quer no trato do peixe em fresco, quer no fabrico. Pormenores que o tempo remediará, estamos disso certos.

Dito isto, muito em resumo, porque mais não é preciso dizer, fazemo-lo para advertir a indústria dum perigo que deve ter sempre presente, e lembrar ao Estado que somente com o seu auxílio ser-nos-á possível conservar o mercado da Grécia, como único e último que possuímos para os peixes em salmoura.

As dificuldades que surgirão, quando da revisão do acordo, lá para Dezembro, serão imensas, disso temos a certeza, porque as sentimos bem durante os nossos trabalhos. Tudo farão para que a rubrica «sal-

mouras» seja eliminada, apresentando como razão principal a abundância de pesca, mais que suficiente para o consumo do seu país.

Mas do nosso lado poder-se-á argumentar com estatísticas que podemos apresentar, que o mercado grego, mesmo em safra de grande pesca — e a sorte nem sempre estará do seu lado, lembremo-nos do nosso triste caso — ainda poderá comportar uma importação de 1.250-1.500 toneladas do produto português. A exigência de tal importação não é demasiada, considerando que em troca se lhes concede o direito de exportação dum produto, o tabaco, que é vital à economia da Grécia.

Em aparte diremos que este país, quase nada exportou das suas abundantes colheitas de tabaco de 1947-48-49 e 1950, que atingem cerca de 50 mil toneladas e elevam-se a um valor de cerca de 60 milhões de dólares. Nesta cifra está toda a economia da Nação que em sua defesa, envia todos os esforços e aceita todos os sacrifícios.

Se perdermos esse direito de exportarmos para a Grécia os nossos produtos em salmoura, perdidos estarão o nosso último mercado e a razão da existência duma Indústria.

*Emídio de Carvalho*

## A FUGA DAS SARDINHAS

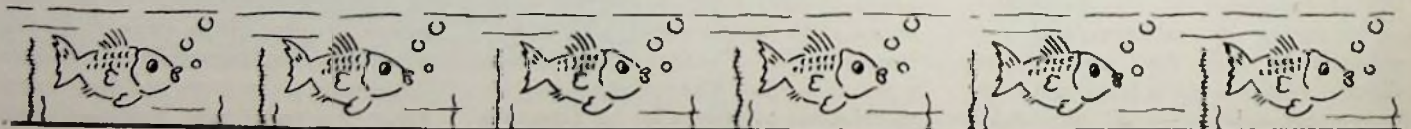
(Continuação da pág. 19)

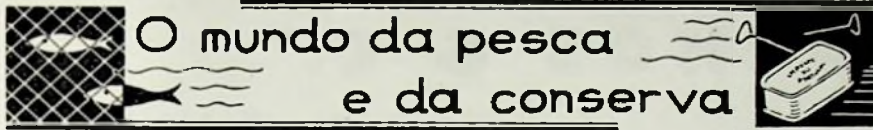
me a altura das marés, as mesmas espécies de peixes subam ou desçam a corrente e se mantêm próximo da superfície das águas ou nas camadas profundas. Do mesmo modo admitir-se a influência da temperatura, que se faz sentir nas águas superficiais. Mas a estas condições, que são de natureza exterior ao animal, que pertencem ao seu ambiente, há ainda a acrescentar as de natureza interior, isto é, criadas pelo seu próprio organismo.

Evidentemente pomos de parte as exigências de certo grau de salinidade subordinadas à idade do animal: caso da enguia, por exemplo, e as relacionadas com a vida sexual: caso do salmão e outros peixes. Não deve, porém, deixar de admitir-se a possibilidade, já considerada por alguns autores, de serem as condições de salinidade mais convenientes para o animal dependentes do funcionamento das glândulas de secreção interna. É, porém,

de crer que, tratando-se de cardumes e não de peixes considerados isoladamente, qualquer alteração das glândulas de secreção interna dependerá de uma alteração do meio exterior.

Como se vê por esta simples e desprezenciosa exposição, a investigação dos motivos que levaram a sardinha a afastar-se das nossas costas não é tarefa fácil. Se o fosse já tudo estaria resolvido. Só nos resta fazer votos para que os estudos a que a Comissão vai proceder sejam coroados de êxito, para sua honra e para bem do país.





## O mundo da pesca e da conserva

### A Migração das sardinhas

São várias as causas que se apontam como podendo provocar a emigração das sardinhas e a que já aqui temos feito referência. Apareceu ultimamente na imprensa francesa uma nova explicação que só por curiosidade a reproduzimos. Diz o articulista que o sistema respiratório das sardinhas é particularmente desenvolvido, pelo que se deve concluir que elas têm uma grande necessidade de oxigénio. Ora a pesca actual, feita com barcos movidos por motores «Diesel» e óleos pesados, traz como consequência obrigatória a existência nos lugares de pesca de uma camada de óleo que cobre a superfície do mar. Esta camada, mesmo que seja muito delgada, isola a água do ar e impede que, à superfície, renove, por contacto, o seu conteúdo de oxigénio.

A sardinha respirando cada vez com mais dificuldade acaba por emigrar para as regiões onde circula um menor número de navios funcionando a óleos pesados.

Esta hipótese estaria confirmada pelo facto dos começos das migrações, feitas no sentido sul, de Douar-enez para a região de Royan, depois para Portugal e em seguida para Safi e Agadir, coincidirem com a utilização dos motores a óleos pesados na propulsão dos navios.

Para remediar este inconveniente bastaria tornar obrigatório nos barcos um sistema de filtragem das águas de arrefecimento dos motores e das águas dos porões antes de serem lançadas ao mar.

### Produção, exportação e consumo de peixe nos E. U. A. em 1949

A produção de conservas de peixe nos E. U. A. em 1949 foi superior à dos últimos anos. O seu total é cal-

culado em cerca de 850 milhões de libras peso (385 mil ton.) comparado com 782 milhões de libras (354 mil ton.) em 1948. A produção de conservas de pilchard na Califórnia foi de 3.875.000 caixas, mais 1.200.000 caixas do que no ano anterior, e a de atum atingiu 7.084.044 caixas, considerada um novo recorde na indústria conserveira californiana. A pesca destas espécies foi, respectivamente, de 600 milhões de libras (271.800 ton.) e 324 milhões de libras (146.772 ton.).

A exportação dos produtos comestíveis de peixe em 1949 foi de cerca de 127 milhões de libras (57.530 ton.) o que representa um aumento em relação a 1948 em que se exportaram 83.4 milhões de libras (37.776 ton.). Este aumento foi devido à grande exportação de salmão e pilchard para a Inglaterra e pilchards para as Filipinas.

O consumo «per capita» de peixe na América do Norte, em 1949, foi de 11,1 libras-peso (5.028 grs.), que devem os considerar muito baixo.

### Conservas de sardinhas japonesas

A Inglaterra importará este ano 30.000 caixas de conservas de «sardinha» do Japão, em molho de tomate, em virtude de um contrato que realizou com nove firmas industriais japonesas.

### A indústria de conservas na Jugoslávia

Começou a funcionar este ano em Zadar, na Dalmácia, a maior e mais moderna das fábricas de conservas de peixe na Jugoslávia que poderá fabricar 500 caixas por dia. Ao lado da fábrica foi construído um edifício destinado à vida cultural e social dos operários.

### Contingentes de importação de Conservas nas Filipinas

A República Filipina anunciou em 1 de Dezembro último que as importações de conservas de peixe seriam reduzidas a metade do seu valor em 1948, quanto às «sardinhas», e à quinta parte no que se refere às outras conservas de peixe e outros produtos de pesca.

As importações de conservas de peixe tinham atingido 14.155.000 dólares em 1948.

Entre os fornecedores, os Estados Unidos são os mais atingidos com esta medida em virtude da qual só poderão ser importadas anualmente cerca de 4.500 toneladas de «sardinhas», ao passo que só nos primeiros 10 meses de 1949 as Filipinas tinham importado cerca de 20.000 ton. destas conservas.

Estas medidas restritivas foram tomadas em virtude da falta de dólares.

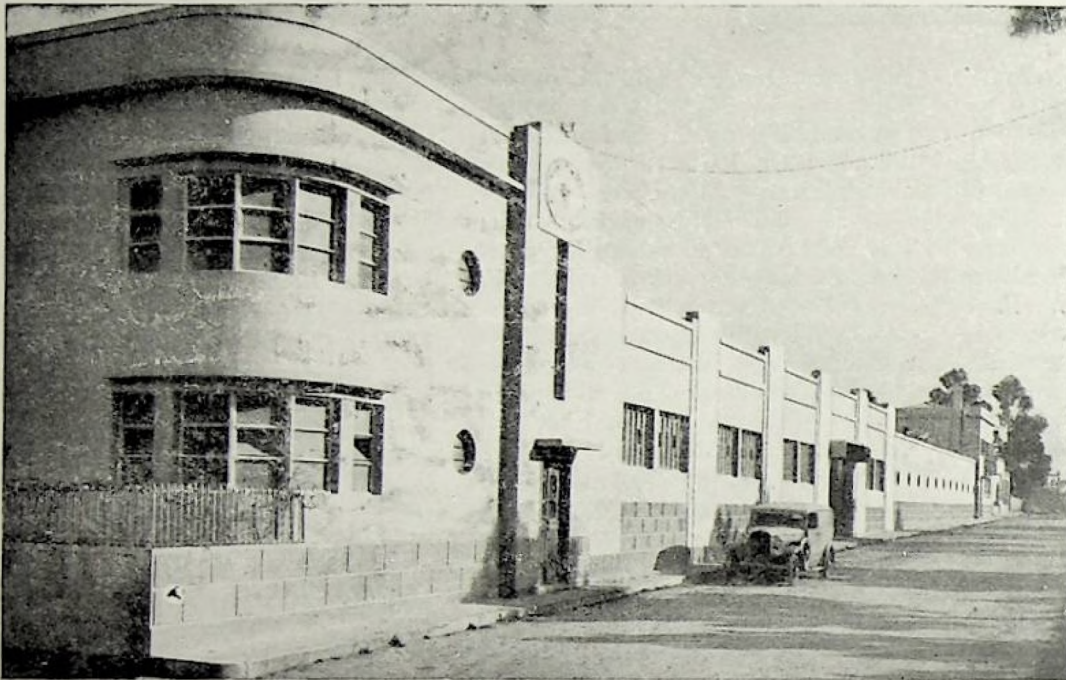
### A indústria de conservas de atum em Marrocos

Agadir prepara-se para fazer da conserva do atum uma das suas principais indústrias. Nas suas primeiras experiências desta pesca, em 1949, conseguiu obter 100 toneladas diárias.

As fábricas estão-se a apetrechar para este fabrico e começou a montagem de um grande frigorífico. Dentro de pouco tempo Agadir será um concorrente apreciável na venda de atum nos mercados mundiais como já o é com a sardinha.

Agadir tem a laborar 50 fábricas mas dentro de poucos meses contará com mais 10 que estão em construção. A sua frota de pesca, moderna, é superior a 80 barcos que pescou em 1949 mais de 20.000 ton. de peixe. Em 1946 tinha só uma fábrica de conservas em molhos; em 1949 laboravam 50. De uma população de 300 marroquinos em 1919 conta hoje 35.000 habitantes dos quais cerca de 10.000 são europeus.

# BOTELHOS & C.<sup>A</sup>



MATOSINHOS

—  
 “Botelho”  
 brand  
 the  
 finest quality  
 —

Packers only of  
 anchovies in  
 olive oil and an-  
 chovy paste

## Cordeiro Santos & Ferreira, L.<sup>da</sup>

Rua Bartolomeu Dias, 35 a 43  
 Lisboa — Portugal

Fabricantes de toda a variedade de Con-  
 servas : Azeitonas, Hortaliças, Frutas,  
 Legumes, Mariscos, etc. • Exportadoras de  
 Azeite • Proprietários das conhecidas  
 marcas de Sardinhas e Atum  
 LE HERON — MASCOTE — INVEJAVEL

Endereço telegráfico: DICANGI

Telefones: P. B. X. { 38 101  
 38 102  
 38 103

## Portugália Industrial, Lda.

Algarve — PORTIMÃO — Portugal  
 Telefone n.º 35 — Telegramas: “PORTUGÁLIA”

*Preserved fish in olive, oil and brine*

Selected quality  
 Sardines  
 Boneless — Plain — Skinless  
 Fish paste  
 Filets of anchovies, sardines and mackerels  
 Packers and Exporters  
 Fishing department

*Registered Marks :*

“SUPER-OMNIA”  
 “PORTUGÁLIA”  
 “ANNIE”  
 “EAGLE”  
 “LE PLAISIR”  
 “ALL RIGHTS”

Reberjo



CLASSIC  
 INVENCIVEL  
 POPULAR  
 FAMEUSE

ADÃO  
 POLÓNIA  
 & C. L.

FÁBRICAS EM:

MATOSINHOS • SETUBAL  
 R. BRITO CAPELO, 1200      ESTRADA DA GRAÇA



POLONIA  
 C.F. 3

CLASSIC  
 TRAVELER  
 POLONIA  
 FABRICATED IN POLAND

# O RELATÓRIO DO GRÉMIO DE SETÚBAL

*No seu Relatório referente ao ano de 1949 fez a Direcção do Grémio de Setúbal uma exposição sobre a situação do Comércio das nossas conservas de peixe no mercado francês, antes e depois da última guerra, que pelo interesse que deve merecer ao nosso meio conserveiro, aqui a reproduzimos na íntegra.*

*Desejamos acrescentar, a título de informação, que as dificuldades levantadas pela França à exportação das nossas conservas com o aumento excessivo dos direitos de importação, já foram devidamente ponderadas pelo nosso Organismo coordenador junto das nossas entidades superiores que, certamente, vão chamar para elas a atenção das autoridades francesas e diligenciar reduzir os seus graves inconvenientes.*

## **Posição das nossas conservas de peixe no mercado da França antes da última guerra**

A liberdade de introdução das nossas conservas de peixe no mercado francês cessa em fins de 1931. Na verdade, em Dezembro daquele ano, a França inicia a luta comercial com Portugal, luta que atinge o seu ponto culminante em Maio de 1933, depois da publicação de dois decretos, o primeiro (Journal Officiel de 29 de Abril de 1933) aumentando os direitos de entrada dos vinhos do Porto e da Madeira e o segundo (Journal Officiel de 14 de Maio de 1933) de ordem geral, criando uma taxa sobre as licenças de importação, mas visando particularmente as conservas de sardinha. As medidas de defesa tomadas, então, pelo Governo Português, provocaram a ruptura comercial e, posteriormente, a negociação do acordo de 13 de Março de 1934.

Aquela acordo reservou para as nossas conservas de sardinha um contingente anual de importação de 12.000 toneladas e para as conservas de outros peixes 370 toneladas. Porém, em pouco menos de oito meses — 13 de Março a 24 de Outubro de 1934 — o Governo Francês, com a publicação sucessiva de 3 decretos, havia reconstituído unilateralmente, quanto às nossas conservas de sardinha, a situação existente antes do acordo. Não ficou por aqui a má vontade contra as sardi-

nhas portuguesas pois, quase um ano após a assinatura do acordo comercial, precisamente em 12 de Março de 1935, a França publicou novo decreto colocando as sardinhas portuguesas em situação ainda mais desfavorável do que aquela que, antes do acordo de 1934, tinha provocado a ruptura comercial entre os dois países. Tudo isto porque nada havia, no referido acordo, concernente à consolidação dos direitos.

Não tendo dado resultado as negociações entabuladas em Paris em 20 de Março de 1935, a pedido do nosso Governo e com o fim de restabelecer o equilíbrio previsto no artigo 22 do referido acordo comercial, Portugal promulgou em 13 de Abril de 1935 as seguintes medidas: quintuplicação, para os navios franceses, das taxas sobre a tonelagem, comércio marítimo e passageiros embarcados e desembarcados daqueles navios; estabelecimento de uma taxa de licença por 100 quilos de bacalhau proveniente da França e das Ilhas de Saint Pierre et Miquelon, e de bacalhau pescado nos navios franceses e importado directamente dos lugares da pesca (decreto n.º 25.425 publicado no «Diário do Governo», de 13 de Abril de 1935 e rectificado no «Diário do Governo», de 15 de Abril de 1935). Estalou nova ruptura, que terminou em 2 de Setembro de 1935 com a assinatura das notas adicionais ao acordo de 1934. O contingente das sardinhas sofreu então uma redução de 2.000 toneladas compensada por determinados contingentes e tratamentos especiais concedidos, particularmente, ao café de Angola e aos ananazes originários dos Açores.

O novo contingente anual de 10.000 toneladas permitiu-nos manter até 1938 a nossa tradicional corrente de negócios, embora a França tivesse passado, a partir de 1932, do primeiro para segundo mercado das nossas conservas de sardinha, mercê das vicissitudes que se arrastaram desde Dezembro de 1931 e a que acabamos de fazer sucinta referência.

Em consequência daquelas notas adicionais, Portugal revogou o decreto n.º 25.425 mas a França só revogou o decreto de 12 de Março de 1935 e os direitos de importação das nossas conser-

vas de sardinha, que eram de 75 francos por quintal (peso bruto) antes de 13 de Maio de 1933 e foram mantidos quando da assinatura do acordo de 1934, e que progressivamente atingiram 150 francos durante a vigência deste acordo, contrariamente aos nossos desejos, não sofreram nenhuma redução.

Em Outubro de 1936 o Governo Francês decidiu, como medida accessória do alinhamento do franco, uma diminuição dos direitos de alfândega variando entre 15 e 20%. As mercadorias submetidas a contingentes, tais como os vinhos licorosos e as conservas de sardinha, ou as sujeitas ao regime da chamada lei «de cadenas», como as cortiças, não beneficiaram dessa melhoria mas, quando do agravamento das tarifas aduaneiras de 13% em Julho de 1937 que passou a 14% em Setembro do mesmo ano, estas mercadorias foram atingidas em cheio, embora algumas excepções tivessem sido previstas para produtos de importação.

Para as conservas de sardinha, o cálculo dos novos direitos dava Frs. 178,87, valor arredondado para Frs. 180 por 100 quilos, peso bruto, isto é, peso das latas mais o peso da caixa de madeira e das chaves.

Naquela época de preços livres, desde o produtor até ao consumidor, para todas as conservas de sardinha — francesas e de importação — gosavam as de Marrocos dum privilégio: a entrada em França, com isenção de direitos alfandegários, dum contingente anual de 50.000 quintais, peso líquido — equivalente a 250.000 caixas de 1/4 club 30 m/m — sem prejuízo da introdução no mercado francês, sem limite, de todas as quantidades de conservas, com direitos mínimos.

Aqueles direitos de 180 francos por quintal, peso bruto, adicionados aos vários emolumentos então cobrados pelas alfândegas totalizavam menos de 1/3 do valor das nossas conservas de sardinha postas sobre o cais (valor Cif. mais despesas de descarga) e representavam a margem de protecção concedida às sardinhas francesas. A nossa desvantagem em relação ao contingente marroquino, embora apenas a dos direitos de alfândega, excedia 41 francos por caixa de 1/4 club 30 m/m (à roda de 23 quilos,

peso bruto). Num e noutro caso, a manifesta situação de inferioridade das nossas conservas colocava-as em árdua posição de concorrência. Favorecidos, porém, pela inclinação do consumidor para a boa qualidade dos nossos produtos, conseguimos de 1933 até 1937 introduzir, anualmente, em França, cerca das 10.000 toneladas de conservas de sardinha a que tínhamos direito. Este contingente, bem como o primitivo de 12.000 toneladas, era repartido por trimestres e, em virtude de uma reclamação portuguesa, a cada um dos dois países era dada, para livre distribuição e administração, a metade da quota trimestral. É este um primeiro ponto que convém fixar.

Um segundo ponto, também digno de nota, é que, durante este período, com excepção do ano de 1935, a França importou, em média, 22.000 toneladas anuais, quantidade que manteve graças ao notável acréscimo das importações de Marrocos. Se a este número se ajuntar cerca de 12.000 toneladas de conservas francesas, consumidas anualmente no mercado interno, obteremos para consumo médio anual 34.000 toneladas, aproximadamente 1.500.000 caixas de tipo médio — peso bruto à volta de 23 quilos — no qual as conservas portuguesas entravam por meios de um terço.

O quinquénio 1933-1937, embora caracterizado por um primeiro período de lata comercial que dura até começo de Setembro de 1935, seguido dum período estável até 1937, é um quinquénio tipo de equilíbrio comercial entre Portugal e França.

Em 1933, ano de crise, a importação das nossas conservas de peixe não atinge 7.000 toneladas (687.550 quilos) o que bem prova que, acima das medidas artificiais dos contingentes, há a acção reguladora da lei da oferta e da procura.

Em 1939, depois da declaração de guerra, o Governo Francês interveio directamente na compra das conservas.

### Posição das nossas conservas de peixe no mercado da França depois da última guerra

Após a libertação, a França eria um organismo apropriado, único comprador, único vendedor e repartidor — G. N. A. C. AL. (Groupe National d'Achat des Conserves Alimentaires). Estamos em pleno dirigismo. Este organismo, até à sua dissolução e liquidação em 1947, determina preços de produção para as conservas metropolitanas, preços de compra para as conservas de importação, preços de venda para umas e para outras, e reparte-as segundo as necessidades das várias regiões do país.

No decorrer de 1943 o dirigismo atenua-se quanto às conservas de sardinha de produção francesa e marroquina, reo-

mando as suas licenças os importadores, grossistas e outros intermediários. Entretanto continua a imposição dos preços.

Em 1947 e 1948 não se importam conservas de sardinha, salvo as de Marrocos, mas concede-se excepcionalmente pequenas licenças de importação a determinados organismos económicos, por exemplo, a certas cooperativas de consumo, e assim se explica as fracas importações de sardinhas portuguesas registadas neste dois anos.

Em fins de Maio de 1948 Portugal e a França assinam um acordo comercial que, para as nossas conservas de sardinha, apenas previu um contingente de 3.000 toneladas — a quarta parte do contingente de 1934 e menos de um terço do contingente de Setembro de 1935. Nenhum contingente foi atribuído às conservas de outros peixes. Relevemos que ao Governo Francês, ao contrário do que sucedia antes da última guerra, ficou reservado o direito de integral administração do contingente das sardinhas portuguesas, administração que, por meio de avisos publicados no «Journal Officiel», se desenvolveu desde a divisão do contingente em importações parciais e delimitado dos respectivos prazos de entrada até à fixação dos preços máximos de compra, modo de pagamento das mercadorias aos vendedores portugueses e homologação dos preços de venda em França. Aquele acordo, válido por um ano, com começo em 1 de Junho de 1948, foi prorrogado, antes da sua expiração, até 30 de Setembro findo. Todos os contingentes de importação e de exportação foram, normalmente, aumentados de um terço, isto é, no que respeita às sardinhas portuguesas, a França deveria ter recebido 4.000 toneladas até 30 de Setembro de 1949. Porém, a França só recebeu cerca de 2.200 toneladas em três importações, que a seguir expomos.

A primeira importação, efectuada em Fevereiro de 1949, determinou a entrada de 600 toneladas sob o regime de «appel d'offres», quer dizer, sob a forma de concurso de ofertas e posterior adjudicação, que foi concedida a uma única firma de Paris que nunca havia trabalhado sardinhas portuguesas. Os preços de compra, Fob, porto português, foram 325 ou 330 casudos para uma caixa de 100/4 club 30 m/m ilustrados em óleo ou em azeite. Nesta data a França, com o fim de acelerar o aprovisionamento do país e de normalizar uma situação económica deficiente, ainda não tinha restabelecido todos os direitos de importação, que haviam sido suspensos no fim da guerra. Estas 600 toneladas entraram sem pagamento de direitos e foram vendidas, por preços homologados, aos compradores designados pelo Governo Francês.

A aplicação de direitos de importação às conservas de sardinha e de outros peixes recontegou em 4 de Junho último,

mas já, em Fevereiro, se havia permitido inteira liberdade de preços de produção para as novas fabricações francesas e, em 8 de Junho, 4 dias após a publicação dos direitos de importação, se consentiu liberdade absoluta de preços de compra e de venda para as conservas de sardinha de Marrocos. A estas foi concedido, este ano, um privilégio, mais importante do que o de antes da guerra: a entrada, com franquia de direitos, dum contingente de 12.000 quintais (peso líquido) ou sejam 600.000 caixas de 1/4 club 30 m/m.

Volaram à mesma posição que tinham antes da guerra as conservas de sardinhas francesas, houve uma notável melhoria para as sardinhas marroquinas e nada haveria que dizer se se tivesse reposto na mesma situação, que disfrutavam antes da guerra, as sardinhas portuguesas — situação, aliás, de manifesta inferioridade, como já atrás se mostrou. Ora assim não sucedeu, como vamos ver.

Os direitos de importação restabelecidos em 4 de Junho e que continuam em vigor são:

Para as conservas de sardinha ...	— 35 % «ad valorem»
Para as conservas de outros peixes ...	— 25 % «ad valorem»

As conservas de sardinhas portuguesas ao entrarem em França são submetidas aos seguintes impostos, calculados sobre 100 francos de mercadoria descarregada sobre o cais (valor Cif. mais despesas de descarga)

Selo — 1,15 % sobre os direitos = 1,15 % × 35 Frs. ...	= Frs. 0,40
Direitos — 35 % «ad valorem» .....	= » 35,00
Taxas de circulação dos produtos — 16 % sobre 135 frs. (100 frs. + direitos) .....	= » 21,60
Taxa sanitária — Frs. 0,69 por quilo (peso líquido) = » .....	
Peagens locais — Frs. 36 por tonelada (peso bruto) ... = » .....	
<b>Total = Frs. 57,...</b>	

Éis o terceiro ponto que deve merecer toda a nossa atenção. Tendo em vista que desprezamos as verbas correspondentes à taxa sanitária e às peagens locais, os direitos de entrada das conservas de sardinhas portuguesas em França ultrapassam 57 % do valor da mercadoria descarregada em porto francês, isto é, os direitos de entrada, que antes da guerra eram inferiores a 33 % «ad valorem», passaram para mais de 57 % «ad valorem» depois da guerra.

O contingente, com franquia de direitos, atribuído às sardinhas originárias de Marrocos, entra em França, mediante o pagamento das imposições seguintes, cal-

culadas igualmente sobre a mesma base de 100 francos de mercadoria descarregada sobre cais francês:

Taxas de circulação dos produtos—16% sobre 100 frs. =	Frs. 16,00
Taxa sanitária — Frs. 0,69 por quilo (peso líquido) =	" .....
Peagens locais — Frs. 36 por tonelada .....	" .....
	16,...

Por comparação entre o privilégio concedido a este contingente e o tratamento imposto ao reduzido contingente português se conclui que as conservas marroquinas levam uma vantagem, em relação às conservas portuguesas, precisamente igual a 41 % «ad valorem».

Quanto às conservas de sardinhas francesas, como estas pagam somente as taxas de circulação dos produtos, a sua margem de protecção relativamente às conservas de sardinhas portuguesas excede 41 % «ad valorem».

Por outras palavras, mas mais objectivamente: se o industrial francês recebe 100 frs. por determinada lata de conserva de sardinhas entregue na sua fábrica e o industrial marroquino cobra 100 francos por certa quantidade de mercadoria posta sobre cais francês, o fabricante português, para se colocar no mesmo pé de igualdade com estes seus dois concorrentes, terá que vender, sobre cais francês, produtos equivalentes, a um preço inferior a 59 francos no primeiro caso e exactamente igual a esta quantia no segundo caso. É isto possível? Não parece, embora se possa verificar, como veremos mais adiante. Mas, se tal sucedeu, deveremos concluir por um dos termos da seguinte alternativa: ou o fabricante português obteve nesse negócio o justo lucro e os industriais francês e marroquino em negócio análogo terão lucros anormalmente elevados ou, pelo contrário, os conserveiros francês e marroquino alcançarão apenas um benefício normal e, então, o fabricante português teve um grande prejuízo.

Uma protecção excessiva, ainda por cima reforçada com contingentes autorizados a conta-gotas, por prazos e com preços de compra limitados, só pode conduzir à carestia da vida. Um tal regime é uma espada de dois gumes para os produtos de importação que lhe estão submetidos: se o preço de compra fica abaixo do preço do custo, o produto não entra; se o preço de compra permite a entrada da mercadoria, os encargos, que sobre ela incidem, ou determinam um preço de venda muito acima da concorrência e a mercadoria não se vende ou, se o preço de venda excede, dentro de limites aceitáveis pelo consumidor, o preço da concorrência, esta, fazendo jogar a sua margem

de protecção, pode sempre bater a mercadoria importada, tornando-a do mesmo modo invendável.

Não julgamos necessário demonstrar que aqueles direitos de importação seriam proibitivos mesmo no caso em que as nossas conservas de sardinha viessem a obter inteira liberdade de preços e de entrada no mercado francês.

Diremos, todavia, que o preço da sardinha em Portugal, nestes últimos anos de carência de pesca, é muito superior ao preço da sardinha em Marrocos e deve igualar e por vezes, exceder o preço da sardinha em França. As outras matérias primas, folha de Flandres, azeite, estanho, chumbo, carvão, etc., têm cotações mundiais. Os salários horários serão, porventura, mais baixos em Portugal do que em França, mas mais altos que em Marrocos; porém, se entrarmos em linha de conta com os encargos sociais que são muito mais pesados em Portugal do que em qualquer outro país produtor de conservas de sardinha, tendo em vista a garantia quinzenal de salários com ou sem trabalho correspondente, que onera a nossa indústria conserveira, concluir-se-á que as despesas de mão-de-obra são mais elevadas nas nossas fábricas de conservas de peixe do que nas fábricas congêneres dos outros países. Poderão os industriais portugueses fazer milagres de administração que lhes permitam diminuir as despesas gerais de modo a compensar aqueles 41 % «ad valorem» e conseguir, assim, manter-se em competência com os seus concorrentes franceses e marroquinos? É evidente, que não há milagres possíveis.

A segunda importação, de 1.000 toneladas, não se efectuou sob o regime de «appel d'offres». Foi autorizada em 19 de Julho findo, ao preço previamente convencionado de 315 escudos a caixa de 100/4 club 30 m/m, lata ilustrada em óleo ou em azeite, Fob. porto português. Estava-se em período de depressão de preços de venda, mais por virtude de fornecimentos contratados a preços inferiores do que por baixa do preço de custo mas, desejosas de reatar as suas antigas relações após uma suspensão de 10 anos, os produtores portugueses e os importadores franceses realizaram o negócio. Cerca de 1.000 toneladas das nossas conservas de sardinha foram introduzidas no mercado francês.

A França impôs as condições de pagamento, que foi efectuado pelo «Office des Changes» mediante apresentação de certificados da Alfândega francesa, isto é, depois das mercadorias desalfandegadas nos portos de destino. Para isso, fez-se uma pequena entorse às condições habituais de pagamento das nossas conservas e, em vez de créditos abertos nos nossos bancos, de bom ou mau grado, aceitámos a substituição desses créditos por garantias bancárias.

Estas 1.000 toneladas de caixas de 100/4 club 30 m/m foram vendidas pelos importadores franceses aos seus habituais clientes grossistas que, por sua vez, as venderam aos retalhistas e estes aos consumidores, aos seguintes preços homologados em 1 de Setembro de 1949 — um mês depois da expiração da data de entrada das mercadorias:

a) Preço de venda dos importadores aos grossistas, a lata .....	Frs. 63,50
b) Preço de venda dos grossistas aos retalhistas, a lata .....	Frs. 68,50
c) Preço de venda dos retalhistas aos consumidores, a lata .....	Frs. 80,50

Apesar das fracas margens de lucro que foram atribuídas ao importador, ao grossista e ao retalhista, todos tiveram grande satisfação em tornar a vender as sardinhas portuguesas e os próprios consumidores não se mostraram indiferentes ao reaparecimento dum produto que não haviam esquecido. As mercadorias foram evidentemente disputadas e talvez sofregamente consumidas.

Decerto foram os nossos conserveiros os que menos beneficiaram com este negócio, mas deveriam também ter ficado satisfeitos pensando que já era tempo das nossas sardinhas reaparecerem no mercado francês, agarrados talvez à ideia de que «mercadoria que desaparece esquece».

Até Novembro de 1949 os conserveiros de Marrocos, para as mercadorias beneficiando da franquia de direitos, cotavam Fob. Safi, pagamento por crédito aberto:

a caixa de 100/4 club 30 m/m, em azeite, lata ilustrada à décollage .....	Frs. 5.600
a caixa de 100/4 club 30 m/m, em óleo, lata ilustrada à décollage .....	Frs. 5.550

Os importadores franceses vendiam a lata marroquina 1/4 club 30 m/m ilustrada, à décollage, em óleo, à roda de 70 francos.

Os industriais franceses vendiam a mesma lata, de sua fabricação, a um preço mais elevado.

Os importadores franceses, apesar da desvantagem de 41 % «ad valorem», venderam a lata de fabricação portuguesa 1/4 club 30 m/m ilustrada, à décollage, em óleo, ao preço homologado de Frs. 63,50, preço bastante inferior aos preços de venda das latas francesas e marroquinas do mesmo formato. Conclua-se por um dos termos da alternativa que anteriormente apresentámos.

Em 20 de Setembro último foi autorizada a terceira importação — 1.500 toneladas das nossas conservas de sardinha ao mesmo preço de 315 escudos a caixa

de 100/4 club 30 m/m, lata ilustrada, em óleo ou em azeite, Fob. porto português. Como os preços das nossas conservas haviam subido, atingindo a caixa de 100/1 club 30 m/m, em óleo, lata ilustrada, o preço de 330 escudos, esta terceira importação foi bastante prejudicada e, segundo informações que colhemos, apenas teriam entrado em França cerca de 600 toneladas. Assim, das 4.000 toneladas de conservas de sardinhas portuguesas que deveriam ser compradas pela França ao abrigo do acordo comercial de Maio de 1948, apenas 2.200 toneladas — um pouco mais da metade — teriam sido exportadas para aquele país.

Repare-se que o preço de 330 escudos é bastante inferior ao preço marroquino ou francês, o que levou os importadores franceses das nossas conservas de peixe a pedirem ao seu Governo um aumento do preço de compra e correspondente diminuição dos direitos de alfândega, o que lhes foi recusado. Apenas obtiveram, para a caixa de 100/4 club 30 m/m em azeite, um acréscimo de cinco escudos.

Em fins de Outubro assinou-se em Lisboa novo acordo comercial com a duração

de um ano a partir de 1 de Novembro de 1949.

O contingente das conservas de sardinhas sofreu nova redução, passando a 2.500 toneladas. Um contingente de igual peso foi concedido por Portugal ao bacalhau francês.

O equilíbrio dos salários e dos preços tem sido, desde a libertação da França, o pesadelo de todos os seus governantes, que afirmam ser indispensável, para a resolução deste problema, a abundância dos produtos que, provocando a concorrência, permitirá ao consumidor ser o árbitro da situação. O ministro das Finanças e dos Negócios Económicos frequentemente declara, e a imprensa repete, que é preciso intensificar as importações, alargar os contingentes a todos os países e baixar os direitos de alfândega, para suscitar a concorrência no mercado interno; e vai até ao ponto de prever a supressão dos contingentes mas, quando se negociam novos acordos comerciais, prevalece a doutrina de Frei Tomás...

Em todos os tempos se tem manifestado em França uma implacável má vontade contra a importação das sardinhas portuguesas. Todavia, os nossos mais pertinazes e irredutíveis adversários — os pescadores de sardinha e os conserveiros franceses — sabem:

a) Que a fabricação francesa, equivalente a uma produção anual oscilando entre 600 e 800 mil caixas de 1/4 baixo 25 m/m, das quais cerca de 200 mil caixas eram absorvidas, antes da guerra, pela exportação, não pode satisfazer o mercado interno, cujo consumo, em épocas normais, atinge 1.500.000 caixas;

b) Que as trocas entre os dois países são fontes de trabalho que só se podem manter se forem recíprocas. A França vender-nos-á bacalhau se nos comprar sardinhas e os pescadores de ambos os países serão reciprocamente favorecidos.

Acrescentaremos que a França pode e deve comprar as nossas conservas de sardinha: pode, porque a balança comercial e a de pagamentos lhe são largamente favoráveis; deve, porque o seu mercado interno tem capacidade para absorver uma parte da nossa produção sem em nada prejudicar os produtos congêneres de fabricação nacional. Porém, em vista das dificuldades expostas, que se opõem à importação dos contingentes atribuídos às nossas conservas de sardinha, vamos concluir este apontamento apresentando as medidas que se tornam necessárias e urgentes para remediar o actual estado de coisas:

- 1.ª — Diminuição imediata dos direitos de Alfândega, que não deverão ser superiores aos que vigoravam em 1939;
- 2.ª — Liberdade total dos preços de compra e venda — regalia de que gosam as conservas francesas e marroquinas;
- 3.ª — Repartição do contingente em três ou mais importações parciais, com transferência obrigatória, para a importação seguinte, do saldo da importação anterior.

Todos os nossos esforços e os da nossa Organização devem convergir no sentido de, rapidamente, se obter as justas satisfações a que temos direito.

## Pedidos de representação

- Victor Cory C.º  
100 Hudson Street — New York
- Jean Amanieux  
86, Rue Ducan — Bordeaux
- Max Capuano  
15, Rue St. Augustin — Paris  
(Só para atum)
- P. Veerasany  
Port-Louis — Mauritius
- A. S. Naccache  
13, Rue François-Guisot — Nice
- Dalton-Cooper, Inc.  
200 West 34th Street — New York
- George & Andrew Th. Boucaouris  
28, Philonos Street — Piraeus — Greece
- T. Pac-Soo & Co.  
Royal Road — Mahebourg  
(Mauritius)
- General-Export  
33, Rue Tronchet — Lyon
- International Commercial Co.  
1602, Bathurst Street — Toronto  
10 — Ontario — Canada
- Werner V. Spiegel  
Hofweg 53 — Hamburg

## SARDINHA DO ALGARVE, L.<sup>DA</sup> FABRICANTES E EXPORTADORES

CONSERVAS DE PEIXE  
em azeite e em salmoira  
Fabricações especiais em  
azeite na marca MARGARET  
Sardinhas sem espinha  
Sardinha sem pele nem espinha  
FILETES DE ANCHOVAS

Endereço Telegráfico: «Sardinha» / Telefone 25  
OLHÃO — PORTUGAL

FÁBRICAS DE CONSERVAS E SALAZONES

# PINHAIS & C.<sup>A</sup>, LIMITADA

AVENIDA MENERES, 700  
MATOSINHOS

TELEG.: CONSERVAS  
TELEPHONE: 42 - M

CONSERVAS

DE:

Atum  
Sardinhas  
Cavalas  
Chicharro  
Anchovas  
Pastas  
de Peixe  
Mariscos



MARCAS

REGISTADAS:

**PINHAIS**  
**MASCATO**  
**RIOS**  
**SAILOR**  
**SEMPER -**  
**IDEM**  
**EDUSA**  
**YO**  
**CIBELES**  
**MARINHEIRO**

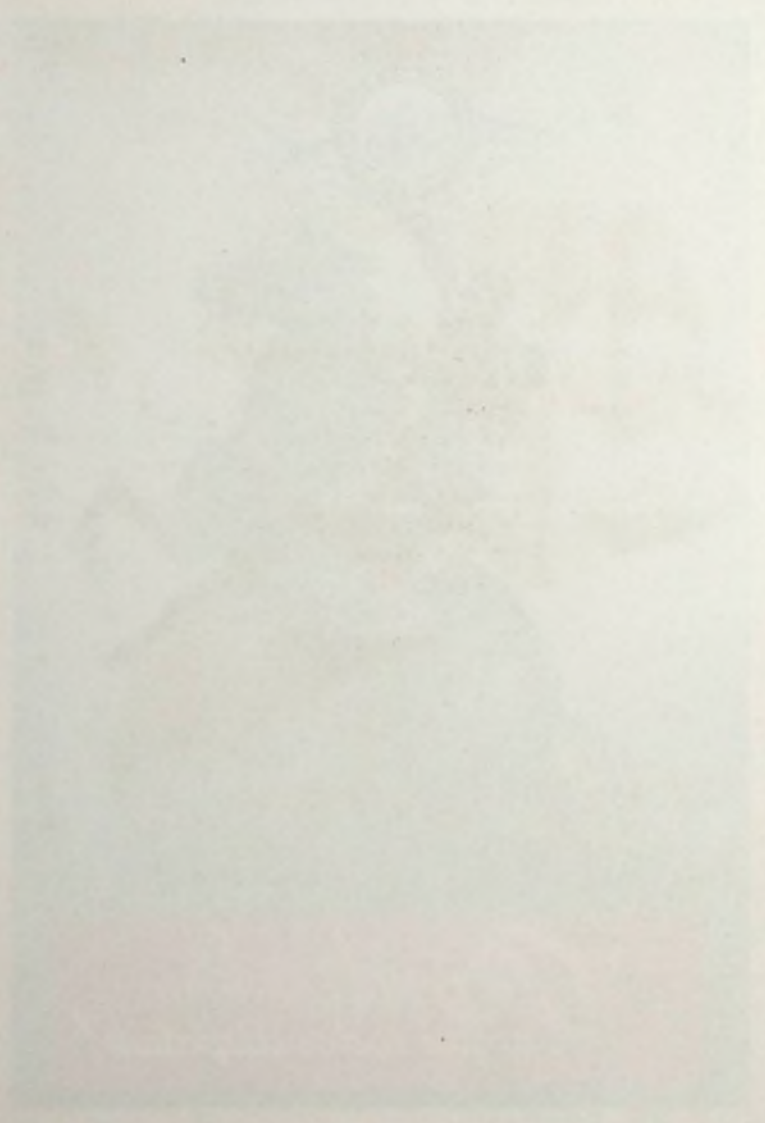
**SARDINHAS EM MOLHOS, Prensadas e em Salmoura**

FABRICAS DE CONSERVAS E SALAZONES

# FINAIS & C.ª LIMITADA

AVENIDA MENDES LOPES

MATOSINHOS



LISTA DE PREÇOS  
DE  
CONSERVAS  
E  
SALAZONES  
DE  
VARIAS  
ESPECIES  
DE  
CARNES  
E  
PEIXES  
EM  
LATA

REPRESENTAÇÃO EM PORTUGAL E EM ALGUMAS

# MATÉRIAS PRIMAS



## A indústria das latas de conserva nos E. U. A.

A indústria das latas de conserva tem uma importância considerável nos Estados Unidos. Um simples número basta para o comprovar: Durante o ano de 1949 foram utilizados 300 bilhões de latas de conservas ou seja, aproximadamente, 5 latas por dia e por cada habitante. Devemos notar que nos Estados Unidos milhares de produtos diferentes, além dos de alimentação, são vendidos em latas metálicas.

Esta indústria tomará, talvez, rapidamente, uma importância ainda maior com o lançamento no mercado de um novo tipo de lata sob pressão que é munida de um obturador que permite ao consumidor obter a quantidade exacta do produto de que tem necessidade, conservando-se o resto na lata com toda a sua frescura.

Esta invenção resolve um dos inconvenientes das antigas latas de conserva cujos produtos deviam ser consumidos rapidamente após a abertura, sem o que se avariavam. Já foram fabricadas, desde 1949, cerca de 150 milhões de latas, e calcula-se nos meios autorizados que a sua produção duplicará em 1950. O obturador existente nestas latas sob pressão foi inventado durante a guerra para distribuir certos produtos contidos em recipientes de pressão. Utilizaram-se depois latas de conserva sob pressão de 350 gramas para produtos de vária espécie, como, por exemplo, creme batido.

Existem nos Estados Unidos 210 fábricas de latas de conserva cuja produção em 1949 foi de 70 % superior à de 1939 e de 23 % superior à de 1946. Calcula-se que em 1949 foram vendidos 5.000 produtos diferentes em latas de folha de Flandres, o que representa um au-

mento de 15 a 20 % em relação ao seu número em 1939.

A popularidade dos produtos de conserva junto das donas de casa americanas tem-se mantido porque esta indústria tem introduzido os melhores métodos para manter aos produtos em latas, sobretudo às substâncias alimentares, toda a sua frescura e todo o seu sabor.

## A Indústria de folha de Flandres na Inglaterra

Segundo decisão do Governo Inglês o racionamento da indústria de aço findou em Maio último. Esta determinação, porém, não é por enquanto extensiva à folha de Flandres cuja produção só se considera que venha a ser suficiente no próximo ano, quando as fábricas nas regiões de Margam e Troste, em South Wales, iniciarem a sua laboração e as ampliações nas de Shotton estiverem concluídas, o que se espera venha a efectivar-se em 1952.

## Produção da borracha em 1949

Segundo a informação do Grupo do Estudo da Borracha, organização semi-governamental dos interessados na produção e consumo do produto natural, a produção mundial da borracha crua em 1949 atingiu 1.482.500 ton. em confronto com 1.520.000 em 1948. O consumo foi calculado em 1.427.500 e 1.420.000 ton. em 1949 e 1948, respectivamente. Calculou-se também que no fim de 1949 as existências constavam de 757.000 ton. ou seja um declínio de 12.500 ton. em relação ao ano anterior. Os círculos ligados ao mercado da borracha predizem que em 1950 a produção de borracha crua natural poderá alcançar 1.525.000 ton. Julgam, igualmente, que em conse-

quência da maior expansão do produto em vários países, o consumo total no ano corrente poderá alcançar 1.475.000 ton., do que resultaria um excedente de 50.000 ton. Os preços da borracha no mercado mundial alcançam presentemente níveis recordes em virtude da ameaça do controle iminente pelos comunistas das regiões produtoras do Extremo Oriente.

## Importação Portuguesa de Matérias Primas

### MARÇO:

	Quilos	Esc.
Chumbo .....	79.598	674.615
Folha .....	427.874	1.997.200

### ABRIL:

Chumbo .....	131.895	1.031.350
Folha .....	195.393	881.600

## Produção de Azeite

Calcula-se que a produção de azeite na Grécia na última colheita tenha atingido 150.000 ton. quantidade bastante apreciável que permitirá que a sua exportação seja em breve autorizada.

Pelo contrário, a produção de azeite na Turquia foi das mais baixas desde há muitos anos, cerca de 32.000 ton., o que representa apenas uma quarta parte da produção normal, pelo que as autoridades turcas não permitem a sua exportação. Por outro lado, a produção de azeite espanhol de 1949 deverá ser superior à média anual desde 1939, pelo que deverá ultrapassar as 300.000 toneladas. A da Tunísia, que alcançou este ano 70.000 ton., representa o dobro do ano anterior.

Dott. Carmelo-Arpa  
Largo della Zecca, 8  
GENOVA  
Representações

# MARIE ELISABETH

A MARCA AFAMADA DAS CONSERVAS  
DE SARDINHAS PORTUGUESAS  
EM AZEITE E TOMATE  
COM ESPINHA  
SEM ESPINHA  
SEM PELE E SEM ESPINHA  
E DE FILETES DE ANCHOVAS  
QUALIDADE EXCELENTE

## JÚDICE FLALHO & C.<sup>A</sup> FARO

José Correia Pontes, L.<sup>da</sup>

.. fabricantes de conservas de peixe  
.. em azeite e em salmoira

•

Tele { gramas: Cerinhas — Olhão  
{ tone: 17

Códigos { A. B. C. 5.<sup>a</sup> Ed.  
{ Bentley's  
{ Privér

Olhão - Portugal

When you are looking for quality buy  
**GABRIEL**



SARDINES in  
olive oil

Plain

Boneless


Boneless & Skinless

FILETS OF ANCHOVIES  
in jars - in tins



RAMIREZ & C.<sup>a</sup>, LDA.  
LISBON (Portugal)

Victor M. Calderon Co. Inc.  
89, Hudson Street - NEW YORK



# PESCA DA SARDINHA

ABRIL DE 1950

Lotas	Destino	Quilos			Valores		
		Percent. %	Quilos	Totais	Percent. %	Escudos	Totais
Matosinhos . . . . .	- consumo . . . . .	-	18.045	18.045	-	117.863\$00	117.863\$00
Peniche . . . . .	- consumo . . . . .	-	14.170	14.170	-	83.581\$50	83.581\$50
Lisboa . . . . .	- consumo . . . . .	-	62.940	62.940	-	463.786\$00	463.786\$00
Setúbal . . . . .	- consumo . . . . .	-	27.889	27.889	-	136.533\$00	136.533\$00
Lagos . . . . .	- consumo . . . . .	-	7.210	7.210	-	28.230\$00	28.230\$00
Portimão . . . . .	- consumo . . . . .	-	28.760	28.760	-	74.700\$00	74.700\$00
Olhão . . . . .	- consumo . . . . .	-	45.415	45.415	-	232.110\$00	232.110\$00
V. R. St.º Ant.º . . . . .	- consumo . . . . .	-	102.427	102.427	-	432.557\$00	432.557\$00
				307.856			1.569.360\$50

*Marcas Registradas:*  
**PALACIO DE ORIENTE, ALBATROS,**  
**ANTONIO ALONSO, HIJOS, LA CORRIDA,**  
**LION D'ARGENT**



**CONSERVAS ANTONIO ALONSO LIMITADA**  
**SETÚBAL (PORTUGAL)**



TELEFONE 2057  
 TELEGRAMAS SANTONIO  
 APARTADO 62  
**FABRICA em SETÚBAL --- FABRICAS em ESPANHA**



**J. B. Barbosa, L<sup>da</sup>**

Calçada de Santo Amaro, 3 - LISBOA

OS MAIS ANTIGOS FABRICANTES EM PORTUGAL

DE

**CHAVES — GRELHAS — PREGOS**

AGENTES DEPOSITÁRIOS

MATOSINHOS

Afonso Barbosa & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

R. de Brito Capelo, 1023

SETÚBAL

Setúbal Factories Agency, L.<sup>da</sup>

Av. Luiza Todi, 277

ALGARVE

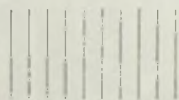
Feliciano Anjos Pereira

OLHÃO

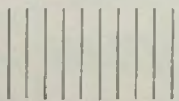
**GRANADAISA FOODS, INC.**

Sucessores de M. J. & H. J. Meyer Co., Inc.

Estabelecidos em 1890  
New-York, N. Y. U. S. A.



Unicos importadores da marca  
**GRANADAISA**  
em Conservas Portuguesas  
de Sardinhas, Anchovas e Atum  
em Azeite Puro de Oliveira



A MARCA PREFERIDA PELOS EPICURISTAS HÁ MAIS DE UMA GERAÇÃO

# ÓLEO DE MENDOBI

DA MARCA

Teleg. OFFROSA

Telefone 38 { 271  
272  
273  
274



MARVILA

LISBOA

Especial para CONSERVAS

Fabricantes: Sociedade Nacional de Sabões, Lda.

# STEINHARDTER & NORDLINGER

Os Agentes mais antigos nos E. U. A. para as  
CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS

ESTABELECIDOS EM 1908

Escritórios principais em:

105, Hudson Street  
New York City, N. Y.

112 Market Street  
San Francisco, California



# LA ROSE

## CONSERVAS DE PEIXE

SARDINHAS — ATUM — FILETES DE  
CAVALA — FILETES DE ANCHOVAS

# FEU HERMANOS

RESP. LIM.

PORTIMÃO — ALGARVE

# Companhia União Fabril

Lisboa - Rua do Comércio, 49

Pôrto - Rua Sá da Bandeira, 82

**ÓLEO**  
DE  
**MENDOBI**



**AZEITE**  
EXTRA E  
**REFINADO**

PREFERIDOS PELOS BONS FABRICANTES DE CONSERVAS

FÁBRICA NO BARREIRO

DEPÓSITOS NOS CENTROS CONSERVEIROS DE :

**LAGOS - PORTIMÃO - OLHÃO - SETÚBAL - LISBOA - MATOSINHOS**



# ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DAS CONSERVAS DE PEIXE

Criada pelos decretos-leis N.º 26.775 26.776 e 26.777 de 10 de Julho de 1936

## ORGANISMO DE COORDENAÇÃO ECONÓMICA

### INSTITUTO PORTUGUÊS DE CONSERVAS DE PEIXE

(I. P. C. P.)

*Director:* C.º Daniel Duarte Silva

*Director adjunto:* Eng.º António Pinheiro de Magalhães Júnior

*Director adjunto:* Dr. António Ladislau Durão Ferreira

*Delegado do Governo junto dos Grémios:* Dr. Pedro Chaves Ferreira

## ORGANISMOS CORPORATIVOS

### GRÉMIOS DOS INDUSTRIAIS

#### DO NORTE

Eurico Felgueiras

Pedro de Carvalho Marôcho

João Vlariz Chaves de Abreu

*Sub-delegado do Governo no Norte:*

Cap. Rogério Correia Ferreira

#### *De Sotavento do Algarve*

José Amandio Guerreiro Correia

João de Brito Folque

Silvério Gonçalves Saias

*Sub-delegado do Governo no Sul:*

Dr. Fernando de Mendonça

#### DO CENTRO

Alfredo Augusto de Almeida

Manuel Pereira da Cruz

Filipe Nazareth Fernandes

#### DE SETÚBAL

Mório Ascensão Ledo

José Viegas Júnior

José Narciso Ferreira de Freitas

#### GRÉMIO DOS EXPORTADORES

Feliciano dos Anjos Pereira

Joaquim Vinhas Cabrita

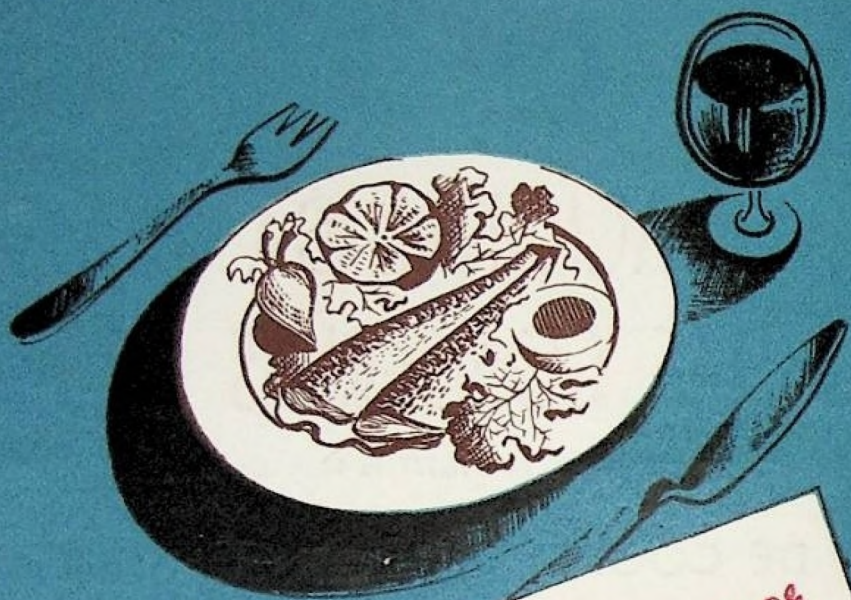
João Velga Henriques

#### *De Barlavento do Algarve*

José Mendes Furlado

António da Silva Freitas

Manuel Gaspar Patrocínio



*As sardinhas por-  
tuguesas de conserva  
são deliciosas e cons-  
tituem um poderoso  
alimento.*

